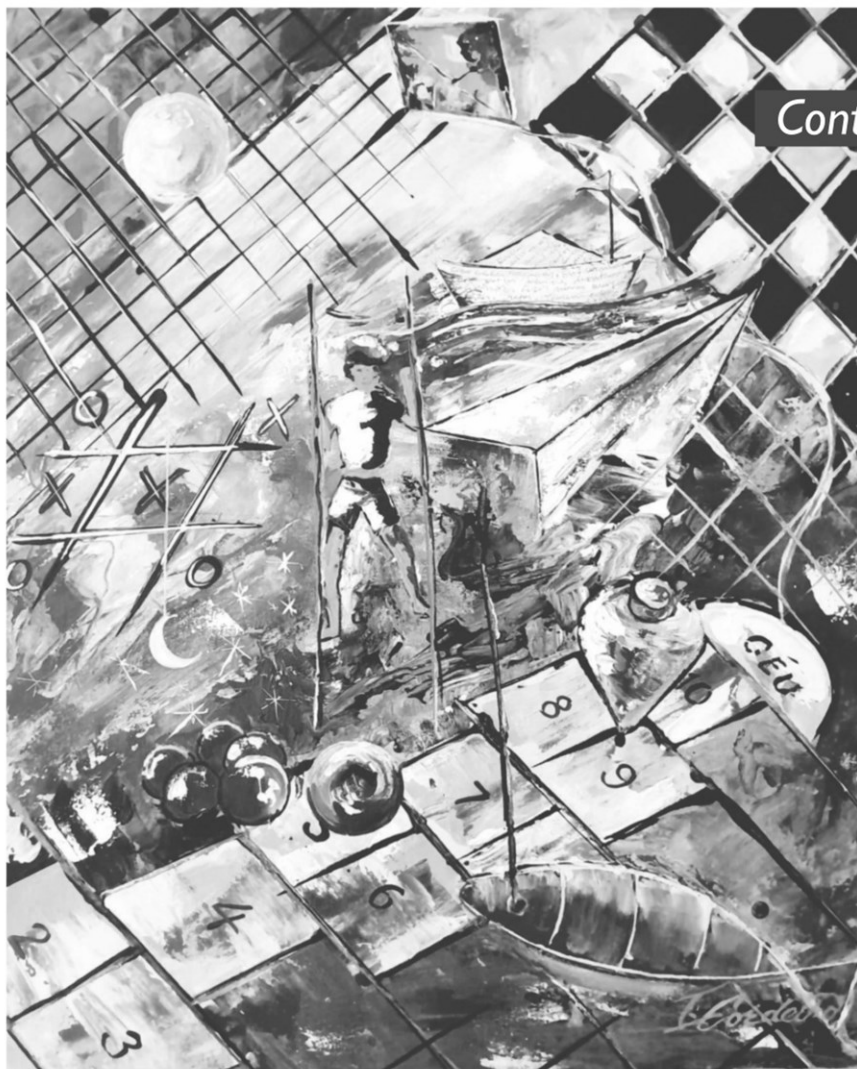


Brincadeiras dos Cerrados

Contos



Organização: Adilma Vilela e Marilde Guedes
Capa: Inácio Cordeiro

Brincadeiras dos Cerrados

Organizadoras

Adilma Vilela
Marilde Guedes



COPYRIGHT © Academia Barreirense de Letras

Todos os direitos reservados.

As partes desse livro não podem ser reproduzidas por quaisquer meios sem a autorização prévia da Academia Barreirense de Letras. (Lei nº 9.610/1998)

Organizadores: Adilma Vilela e Marilde Guedes

Revisão de Texto: Antônia Maria Prado de Araújo, Adilma Vilela e Marilde Guedes

Capa: Inácio Cordeiro

Diagramação: Théo Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B869 Brincadeiras dos Cerrados: contos / Organizadores: Adilma Vilela, Marilde Guedes. – Barreiras/BA: Academia Barreirense de Letras, 2025.
105p.

ISBN 978-65-986425-0-1

1.Contos brasileiros 2.Brincadeiras 3.Cerrado 4.Oeste da Bahia. I.Vilela, Adilma II.Guedes, Marilde. III.Academia Barreirense de Letras – ABL.

CDU – 82-34

CDD – B869.3

Catalogação na Publicação elaborada por:
Naiara Falcão Sousa do Rosário – CRB 5 1991/O

ABL
SELO
EDITORIAL



1º EDIÇÃO BRASILEIRA: 2025

R. Ruy Barbosa, 67
Centro, Barreiras-Ba
CEP: 47806-136, Brasil



Visite o nosso site: <https://www.academiabarreirensedelettras.com/>

Dedicamos essa Coletânea de Contos à Academia Barreirense de Letras – ABL, pela contribuição à Cultura e às Artes, nas diferentes formas de expressão e linguagem, quando celebramos, em 2025, seus 20 anos de História Literária no Oeste baiano.

Vida longa, ABL!!!

Aos Cerrados com Amor...

(Prefácio)

Por Alberto Mariani *

Durante a leitura ininterrupta e determinante que fiz de **Brincadeiras dos Cerrados**, livro tão surpreendente, tão habitado de criativos divertimentos, a todo instante rememorei minha infância, de onde multifacetadas reminiscências vieram à superfície.

Isto me levou ao universo do encantamento.

Entre as lembranças que brotaram desse mágico azo, vi Anisim Piqui e Seu Quirino... Ambos já estão em outras dimensões, mas permanecem impregnados em nosso meio, pois são figuras que marcaram épocas dentre afazeres espirituosos e festivos.

Anisim Piqui, acompanhado pela criançada, percorria as ruas de Cotegeipe, conduzindo Faísca, seu burrinho pêlo de rato, com bruacas abarrotadas de cascudos, pequis, cagaitas, cajuís, coquinhos, buritis, mangabas, puças, cerejas dos gerais e tudo que os cerrados oferecem.

A meninada fazia a farra como se fosse um espetáculo circense, gritando ao som da pé-de-bode de oito baixos que Seu Quirino não parava de tocar, porém dando preferência quase exclusiva ao estribilho:

*“Se essa rua, se essa rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar,
Ou de ouro, ou de ouro, ou de prata,
Para o meu, para o meu amor passar!”*

Seu Quirino, sempre à frente de Anisim Piqui, com sua sanfona surrada em acordes repetitivos, percorrendo as poucas ruas da bucólica

cidadezinha, numa contagiante animação, agradando a todos diante dessa sinergia com o habitual vendedor de frutos dos cerrados.

Tudo virava uma brincadeira sem hora de terminar.

Anisim Piqui e Seu Quirino, aplaudidos por crianças e adultos, sempre lembrados ao longo do tempo por tão celebrantes hilaridades...

Eles se tornaram personagens arraigadas à cultura regional.

Ao ler os vinte e cinco textos de ***Brincadeiras dos Cerrados***, mais do que constatee equilíbrio entre os temas percorridos. Por isto achei admissível a presença do sanfoneiro Quirino e de Anisim Piqui nesta contextualização.

Os autores não se distanciaram das linhas nucleares de toda a temática deste livro.

Cada qual, com sua idiossincrasia, estilo e jeito intrínseco de escrever.

Todos, na mesma travessia do bioma em foco, procuraram o cenário ideal, fizeram brotar uma cadeia de visível coerência e de cristalina verossimilhança.

Em cada página se vê belas ações, exemplos construtivos e entretenimentos que positivam a vida em suas heterogêneas nuances. Nessa trilha pesquiei as palavras de Rubem Alves:

*“– É brincando que a gente se educa e aprende. Cada professor deve ser um “**magister ludi**,” como no romance de Hermann Hesse, O Jogo das Contas de Vidro.”*

E mais:

“– Professor bom é aquele que não dá uma aula perfeita, explicando a matéria. Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar. Depois de seduzido o aluno, não há quem o derrube.”

Os escritores de **Brincadeiras dos Cerrados** se fizeram “**magisters lidis**” obstinados, quando retratam o nosso mais fascinante bioma nessa cruzada de divertimentos.

Isto é imprescindível!

Os cerrados, em alerta, mais do que necessitam dessa visibilidade salvadora.

E eis uma síntese:

ESTRELAS

*E **Evanilda Miranda** inaugura o portal:*

Roda Em Noite de Céu Azul! E anima!

A Infância de Beto e Maria... Fraternal:

*Narra a tão consistente **Ananda Lima!***

A Jiquitaia dos Ibejis! Caruru no ritual,

*Onde **Théo Santos** junte amor e acata;*

Alerta Na Chácara Vó Nice!... Tão vital,

***Ellen Zanin** desativa a Gangue da Lata!*

Sempre vinculada ao amor em quedes:

Amarelinha – A Predileta... É guarida,

*Marli viaja na via de **Marilde Guedes!***

Em Cena Poética já introduz sua graça,

E naquelas páginas só se vê dócil vida:

Assim é seu lema... E ela não disfarça!

*Em A Menina Cara de Urso! Tudo a ver;
De **Thaine Araújo**, Clara é doce e bela;
Batalha com garra, ao jogo faz crescer:
Cabo de Guerra... É muito fácil pra ela!*

*Palmeira dos índios! Caetés! Tão você!
Graça Ramos! Das letras, uma cidadela;
E em Crônicas de Mima, a origem se vê,
E À Sombra do Juazeiro, **Adilma Vilela**!*

*Aqui os sonhos de Maria vivem em ação,
A menina viaja nas histórias de Lobato,
Marineide em *Bandeirinha* traz emoção!*

*E até sonhando a diversão era tão plena,
E **Emília Amaral** jamais deixou barato:
Mais *Bandeirinha*! E crianças em cena!*

#

*Brincadeira de Anel: Cerrado do Futuro;
Invenção em jogo ao alçar bem me quis:
Berê Brazil para Fred faz Porto Seguro,
Unindo-os depois de inevitável cicatriz!*

*Brincadeira de Criança, jardim sem muro,
Em **Valdélia Ramaccotte**, elã-lua, condiz,
As crianças brincam de coração tão puro,
E é infância em risos, intensamente feliz!*

*E solidárias nas Brincadeiras de Bonecas:
Dalviene Souza diz acerca das traquinas,
Elas fazem casas, vestidos. E são sapecas!*

***José Pais Landim** abraça lindas campinas:
Brincadeiras dos Cerrados! E as marrecas?
Banhos de rio... Samba-Lelê das meninas.*

#

*Cata-Caju, de **Franco Porto**, alegria traz,
Em meio ao cerrado, no cerne da floresta,
Cajueiros para uma doce peleja! Só apraz;
E quem é mais hábil logo apronta a festa!*

*Subir em árvores, passar o anel... Em paz:
Tantos brinquedos em família! Bem atesta;
Doce Infância! Reuniões que bem satisfaz:
Ana Cíntia Bastos boas lições empresta!*

***Brígida Neta de Freitas** fala de Dona Filó,
São Encantos da Roda do Barro Vermelho,
Todos ali jogam versos e cantam sem dó!*

***Miriam Hermes** clareia o pacto em vigília:
E Férias No Cerrado, o bioma no espelho,
Azo ao bucolismo! Roça! Cidade. Família!*

#

Jassanara No País-Riquezas do Cerrado:
Rio de Ondas, buritis, flores, um paraíso;
Daniela Taveira mostra tudo encontrado:
A chácara, sonhos de menina! O sorriso!

Memórias Dum Brasil Infantil! Moldado!
Eva Pais retrata bairro novo... Improviso;
O Cerrado Brinca e Acolhe. É encantado.
Celso Lacerda é magistral de tão preciso!

Destaque: Giribita, Chicotinho Queimado;
E não há fantasma que ofusque a sua aura,
Nesse seu escrito não há “leite derramado;”

Em seu tema tudo vira alegria... E restaura:
É o *Encantamento das Belezas do Cerrado*,
E aqui presencio seu sorriso, **Tina Laura!**

#

Jogo de Gude! Cabeça de Pregos! Apelido!
Xixi nos pés da professora. E rápida ação;
E **Beatriz Pires** criou um menino atrevido,
Porém o beijo da Rosinha o tornou Mijão!

Em *Registo de Saudade*, o país prometido,
Antônia Prado denota costumes do sertão:
E a criançada faz fazendas, fica entretida,
E tudo conjugado na maior determinação!

Nas Cantigas de Roda, algo em destaque:
É dada resposta com aquele xisto indireto,
E o amor fica em jogo na força de araque!

Mais Registro: À *Tona: Páginas de Areia*;
Mulher do Mato: Enigmas! Caso secreto:
Toninha, esse cerrado é vivo em sua veia!

#

Um, dois, três, Salve Latinha, diz Cirilo,
Depois enganou a boa e dedicada vovó;
E se achando liberto do tão óbvio vacilo,
Entrou na brincadeira sem receio do cipó.

Salve Latinha? Chá de Goiaba? Que dó!
É de **Jair Grinaldo**, um escritor tranquilo:
E quase via Cirilo de volta à roça da jaó,
Mas a vó de mel anuiu perdão ao pupilo!

Há suspense: *Tonho da Lua e o Jatobá*;
Ariadne Godinho! Da capital ao interior:
Mudança em antítese... E é de estranhar!

Há castanha de pequi para quem quiser;
Livres na escola, em casa. Tanto fervor:
Tonho da Lua, jatobá e jogos quaisquer!

#

Após estes comentários acerca de **Brincadeiras dos Cerrados**, em traços ligeiros sobre seus autores e suas contextualizações, vi no Cata-Caju, de Franco Porto, a asserção:

“– Uma brincadeira é geralmente uma atividade lúdica para entreter, distrair e divertir, que pode ajudar no desenvolvimento de habilidades motoras, sociais, afetivas, cognitivas e emocionais. Além disso, exercita a criatividade e a inspiração. Nas brincadeiras, as crianças podem aprender, construir, explicar e expor, pelo menos dentro da perspectiva que apresento neste conto, uma brincadeira.”

Brincadeiras dos Cerrados é um livro que prende o leitor do início ao epílogo, moldurado por recreios, por alegrias e que traz um mundo atemporal nos seus encantos dentre diversões didático-pedagógicas.

São essenciais os propósitos desta antologia...

#

Cotegipe, 20 de dezembro de 2024.

(*) **ALBERTO** *Silveira Passos Wanderley* **MARIANI**,
da ABL-Academia Barreirense de Letras. Escritor / Poeta.
Escreveu os romances “O Tesouro de Lençóis, O
Corrupto Confesso, entre outros.

Sumário

A Grande Roda em Noite de Lua Azul	16
A Infância de Maria e Beto	19
A Jiquitaia dos Ibejis.....	22
Alerta na Chácara Vó Nice	24
Amarelinha - A Predileta!	27
A Menina Casa de Urso	30
À Sombra do Juazeiro.....	33
Bandeirinha.....	36
Bandeirinha: Crianças em Cena	39
Brincadeira de Anel no Cerrado do Futuro	41
Brincadeira de Criança: Como é Bom!.....	45
Brincadeiras de Bonecas.....	48
Brincadeiras dos Cerrados	51
Cata Caju	54
Doce Infância	58
Encantos da Roda	61

Férias no Cerrado	64
Jassanara no País das Riquezas do Cerrado.....	70
Memórias de um Brincar Infantil.....	73
O Cerrado Brinca e Acolhe.....	75
O Encantamento das Brincadeiras do Cerrado	79
O Jogo de Gude que mudou o apelido de Cabeça de Pregos	82
Registro de Saudade	85
Salve Latinha ou Chá de Goiaba?	87
Tonho da Lua e o Jatobá.....	90
AMARELINHA: Um Olhar Pedagógico!.....	95
Autores.....	97

A Grande Roda em Noite de Lua Azul

Evanilda Miranda da Silva

Maria é uma jovem que gosta de se divertir e sair com suas amigas pelas inúmeras festas da cidade de Barreiras, interior da Bahia. Ela é comunicativa e sempre se destaca porque dança muito bem.

Seus pais, cansados da árdua rotina de trabalho, decidiram adquirir um lugarzinho à beira do Rio das Ondas, para construírem memórias afetivas cercadas pelas riquezas naturais do cerrado, fugir da poluição, do trânsito e da violência da cidade. Assim, compraram uma chácara às margens do Rio das Ondas, onde vive uma pequena comunidade de pescadores.

Quando chega a noite, fugindo do calor, as pessoas se reúnem no quintal para aproveitar a brisa noturna e sentir o aroma do cerrado, adocicado pelo cheiro do rio. Fogueiras, comidas simples e saborosas, cantoria, barulho de criança se misturam à sinfonia do vento, dos pássaros noturno, grilos e do rio.

Certo dia, Maria e sua família foram conhecer a vizinhança da chácara que acabara de comprar.

O primeiro contato da jovem com a vizinhança lhe causou um pouco de estranheza, pois a comunidade de pescadores tinha costumes diferentes dos seus: eles andavam descalços e comiam sem talheres. Mas, foi a fumaça do cigarro, feito de fumo cultivado por eles mesmos, que a incomodou. Além disso, eles não saíam para shows, divertiam-se sempre ali mesmo, no quintal de suas casas.

Maria reclamou da fumaça, do gosto diferente da comida que havia experimentado, e da simplicidade do lugar. Além disso, ficou assustada com algumas das histórias contadas pelos pescadores. Implorou aos pais para que retornassem à cidade.

Os pais de Maria recusaram o pedido da filha. Disseram-lhe que não poderiam voltar, tendo em vista que a chácara que haviam comprado precisava de limpeza e organização, pois passariam ali os próximos finais de

semana e feriados. Além disso, seria necessário buscar uma proximidade com a comunidade local.

No dia seguinte acordou bem cedo e foi tomar banho de rio. Lá encontrou um grupo de meninas que a encorajou a desbravar outras partes do cerrado. Maria ficou impressionada com a beleza do lugar, com a autoconfiança e destreza das meninas. Enquanto caminhavam, colheram algumas frutas e convidaram Maria para uma festa no quintal de Dona Joaninha. Eles iriam celebrar a lua azul. Maria achou estranho, mas, sem querer ser indelicada, aceitou o convite.

Quando voltou pra casa, contou pra sua mãe o que havia combinado: sair com umas amigas que acabara de conhecer. A mãe de Maria ficou feliz com a notícia, porém temerosa, pois não conheciam tão bem as pessoas daquele lugar.

Ao anoitecer, Maria e seus pais foram para casa de Dona Joaninha. Ao entrar, a jovem observou que no quintal havia pessoas em volta da fogueira, contando histórias e rindo, enquanto era possível sentir o cheiro do peixe sendo assado. Ela percebeu a presença de muitas meninas, meninos, moças e rapazes. Sentiu-se bem acolhida, observou tudo atentamente e, por fim, gostou do ambiente que lhe parecia amistoso e fraternal.

Joaninha, a dona da casa, uma senhora sorridente, de fala doce e animada, deu boas-vindas aos convidados e lhes explicou que aquele era um dia de muita alegria, cantoria e dança, pois era noite de lua azul e que a expressão "lua azul" se refere ao fenômeno de duas luas cheias em um mesmo mês. Ocorre, aproximadamente, a cada dois ou três anos. Maria ouviu atentamente as explicações daquela mulher tão simples e sábia, detentora de conhecimentos interessantes sobre os mistérios da vida no Cerrado.

Joaninha, muito desenvolta, chamou a atenção de todos, sugeriu que, enquanto aguardavam a finalização do jantar, poderiam brincar de roda. Explicando a brincadeira para Maria, disse: “Todos de mãos dadas, em uma grande roda, vamos cantar e dançar ciranda. Quem for colocado no meio da roda deve cantar uma música, um poema ou improvisar versos.”

Atendendo ao comando da senhora, começaram as brincadeiras. Todos os participantes demonstraram-se alegres e, ao mesmo tempo, apreensivos, aguardando o seu momento de fazer a apresentação.

Chegou a vez de João Pedro, jovem alto, pele negra, de olhos claros e cabelos reluzentes. Fez a apresentação e no final cantou: “Por isso, linda Maria, entre dentro desta roda, cante e dance bem bonito, mas nem pense em ir embora”.

Quando Maria entrou na roda, estava um pouco tímida, nenhuma palavra que havia planejado saiu de sua boca. Recitou um verso simples e improvisado. Dançou muito e encantou o grupo.

As apresentações foram muito animadas, e os participantes estavam eufóricos. Joanhinha finalizou a brincadeira agradecendo pela presença de todos, celebrando a abundância do cerrado e improvisando os versos, cantou: “agradeço ao Deus poderoso pelos frutos do cerrado, pela água e pela vida, por tudo que foi criado. Agradeço à natureza pela perfeita harmonia, e a toda vizinhança que se une em parceria, para cantar e dançar, brincando com muita alegria. Que nossa união prevaleça sempre a cada dia”.

E, assim, desfez-se a roda, foram para uma sala onde havia comidas e bebidas com elementos típicos do Cerrado e, em clima de alegria, as pessoas confraternizavam. A mãe de Maria se agradou com os doces de caju e de buriti. Maria não conhecia castanha de pequi assada, adorou a textura e o sabor. Foi impossível não sentir a presença do arroz com pequi e do licor de jenipapo, iguarias servidas naquele dia.

No outro dia, Maria voltou para a cidade, mas as lembranças da brincadeira da Grande Roda e daquele jovem de olhos claros insistiam em retornar à sua mente. As brincadeiras naquele lugar pareciam inesgotáveis, e a menina aguardava ansiosamente o final de semana para retornar à chácara e encontrar seus novos amigos. Tanto brincou e dançou que, em outras rodas de ciranda, começou a namorar o seu primeiro e único amor.

Ficaram noivos, casaram-se e vivem felizes. Em suas conversas, nas noites enluaradas, à beira da fogueira, lembram e comentam com alegria que o amor que uniu o casal começou na Grande Roda em noite de lua azul.

A Infância de Maria e Beto

Ananda Lima

Maria e Beto corriam pela estrada de chão batido alegremente, lá pelas bandas dos Gerais baiano. Beto ia na frente levantando poeira com um carrinho feito de vasilhame de alvejante. O menino era astuto, enchia o litro vazio do alvejante de terra, furava nas extremidades e passava um pedaço de arame. Por fora colava um pedaço da embalagem de outro vasilhame. Conforme ele se movia, a parte da embalagem colada por fora, em contato com o ar e a terra, emitia um som, além de levantar poeira.

Maria, irmã mais nova de Beto, acompanhava o irmão nas aventuras. Saía correndo atrás do menino e do carro criado por ele. Este momento era sempre regado a muitas risadas e gritos.

Josefa, mãe das crianças, lavando a louça ou roupa na lateral da casa, numa mesa feita de restos de madeiras e bambu, ouvia a gritaria e as risadas dos filhos, achando graça também. A mãe observava pela cerca o ir e vir das crianças, ficava contente com a relação entre os irmãos. Essa cena se repetia diariamente.

Certo dia, na hora do almoço, Maria falou para a mãe que gostaria de ter uma boneca para brincar com Beto. A mãe e o pai se entreolharam, como se dissessem: como? As condições financeiras não permitiam! Mas a mãe, intuitivamente, respondeu.

– Já sei o que faremos. Vamos fazer uma boneca de sabugo de milho.

O pai, João, rapidamente disse que poderia trazer da roça umas espigas de milho. Os meninos vibraram com o que estava sendo proposto.

– João, traz amanhã, não esquece! Sábado, quando terminar de lavar as roupas, iremos fazer as bonecas, disse a mãe.

No dia combinado, os irmãos acordaram cedo. Se propuseram até ajudar a mãe para que ela terminasse logo a lavagem de roupas. A mãe colocou numa bacia pequena um pouco de água e sabão para Maria ir

lavando umas roupas leves. Beto carregava água num caldeirão com alça, pois o balde ele não dava conta de carregar.

Terminadas as obrigações, mãe e filhos sentaram-se na frente da casa, embaixo de um pé de aroeira. A mãe pegou uma espiga de milho e ia ensinando aos filhos a retirar as palhas. Depois, passou a debulhar o milho de três espigas, para ficar só o sabugo.

Os irmãos observavam a mãe e replicavam a ação. O pai não demorou a se juntar aos filhos e à mulher. Veio com um saco cheio de retalhos de pano, linha, tesoura e agulha e entregou à esposa.

– Ainda bem que você trouxe, tinha esquecido. Vai debulhando os milhos com os meninos, que vou costurar uma roupa, disse a Josefa, que acrescentou:

– Faremos uma boneca e um boneco.

O processo de criação da família fluía, até que Maria sentiu uma picada na perna. Ao observar, a criança gritou.

– Mamãe um escorpião!

O pai e a mãe levantaram rapidamente e foram em direção à menina. O pai avistou o bicho, era um escorpião amarelo, típico do cerrado.

Enquanto a mãe amparava a filha, o pai pegou um vidro e, habilidosamente, colocou o bicho num vidro com tampa, para entregar aos médicos. Pegaram a carroça e foram rumo à estrada para levar a menina que chorava de dor, para a cidade. Mais à frente, encontrara o vizinho com o carro, que se propôs a levar mais rapidamente a mãe e a menina Maria.

Beto e João seguiram na carroça, num silêncio que doía a alma. Beto até queria fazer perguntas ao pai, mas lhe faltou coragem. Vez ou outra, João limpava uma lágrima e deixava o pensamento ecoar.

– Eles irão chegar a tempo. Dará certo!

A menina e a mãe chegaram rapidamente ao hospital e logo receberam a devida atenção médica. A mãe, em oração, não saía do lado da filha.

Passado um tempo, João e Beto chegaram ao hospital e ficaram aguardando notícias. A menina precisou ficar internada por alguns dias. A mãe ficou com ela. O pai e o irmão voltaram pra casa, mais esperançosos.

Dias depois, Josefa e Maria retornaram pra casa. O pai e Beto, as receberam com alegria e emoção.

No dia seguinte, a mãe foi concluir as bonecas de sabugo. Mas dessa vez, sentou no chão da sala, com os meninos à sua volta. O pai observava sentado na cadeira.

Conforme Josefa ia conduzindo a costura da roupa, falava da sua infância, como sua mãe fazia seus brinquedos. Os olhos dos irmãos brilhavam com aquela história.

– Mamãe, sua mãe lhe ensinou e agora você está nos ensinando, disse Maria.

Os brinquedos estavam prontos, um boneco e uma boneca. Josefa colocou cabelo do milho neles. A boneca tinha cabelo longo, o boneco ela deixou com o cabelo bem curtinho. O pai observando, disse:

– Agora vocês vão brincar com mais calma, principalmente por causa de Maria que ainda tá se recuperando. Nada de correr atrás de carro.

Os meninos se entreolharam e sorriram.

Maria plenamente recuperada, ela e Beto alternavam as brincadeiras naquele lugar inspirador, apesar das dificuldades. Ora corriam atrás do carro feito por Beto, ora brincavam com os bonecos de sabugo feitos pela mãe.

A Jiquitaia dos Ibejis

Théo Santos

Perto do remanso, a poucos metros da nascente do rio, tem o Barracão de Dona Yaala. Já era costume no final do mês de setembro, D. Yaala reunir o povo todo para o aniversário dos Ibejis, seus gêmeos de criação. Chegados na beira do rio em uma cesta que flutuava lentamente sobre as águas cristalinas e recheadas de flores, Taiwo e Kehinde já faziam a alegria da roça de D. Yaala por sete anos.

– Mãe! Vai ter caruru esse ano? – Pergunta Kehinde ansiosa pelo festejo.

– Se você e seu irmão forem catar o quiabo na roça! responde D. Yaala, aproveitando o interesse da filha para estimular a ajuda na labuta diária.

Taiwo, ouvindo a conversa da mãe e da irmã, interrompe o diálogo:

– Oh mãe! Catar quiabo na roça hoje? As formigas ficam dando cada mordida doida! retrucou o menino que sempre reclamava da agonia que os insetos geravam durante a lida na roça.

Os dias no Barracão eram de muita tranquilidade e muita saúde. A roça compartilhada garantia a fartura de frutas e toda sorte de comida à comunidade. E naquele final de tarde, em especial, o povo todo estava reunido cortando o quiabo miudinho e contando lorota no quintal de D. Yaala.

No dia seguinte, Taiwo saiu cedo com Kehinde, de porta em porta, para chamar a criançada para a festa. D. Yaala tinha feito garapa de cana e rapadura e pediu para seus gêmeos irem entregar em todas as casas que tivesse criança. Era uma forma de chamar as famílias para a festa. Tinham que garantir pelo menos sete crianças para a brincadeira não faltar.

Contudo, uma doença tinha chegado no Boqueirão e, quase todas as crianças estavam acamadas. Kehinde tava que era só tristeza! Imaginava que

ia ficar sem a Jiquitaia naquele ano. A sua mãe já tinha separado as saias rodadas e Taiwo já tinha até aprendido o toque do samba de roda no rumpi.

No caminho de volta da vila, Kehinde aproveitou para pegar capim limão para fazer um chá, pois dizem que esse capim é santo e cura até defunto. Enquanto, sua irmã se preocupava em garantir a saúde e as crianças para a festa, Taiwo fazia das suas estripulias.

– Taiwo! – gritou Kehinde, pelo irmão que brincava distraidamente banhando no rio.

Contudo, as súplicas da menina pareciam não ser escutadas pelo irmão. Com o tempo Kehinde percebeu que Taiwo se debatia, parecia estar se afogando. Aflita, Kehinde se jogou na água, mas não via mais o irmão. Na outra margem do rio, Kehinde foi chamar os parentes para ajudar a encontrar seu irmão.

Taiwo, assistia a tudo de cima da mangueira se divertindo com a agonia da irmã assustada. Ele tinha aproveitado a distração da irmã para lhe pregar uma peça. Quando menos Kehinde esperava, ouviu o espirro do irmão em cima da árvore, que ao ser notado se desequilibrou e caiu lindamente, aos olhos furiosos da irmã.

Tudo pronto e mágoas superadas, a noite caía no horizonte do Barracão. D. Yaala e os Ibejis estavam ansiosos para saber se ia dar menino no caruru, pois tava tudo gripado. Mas tão logo o cheiro do dendê exalava do acarajé fresquinho, era criança que brotava de tudo que era lado, mesmo com os narizes lambicando.

Kehinde era só sorrisos e Taiwo só batidas no rumpi ritmado com o coração!

Aos poucos a Jiquitaia comia no centro do barracão. Os meninos dançando e levantando os pés, as roupas floridas lembrando as flores da estação, as meninas sacudindo as roupas com as mãos. Parecia mesmo que tinham muitas jiquitaia curtindo as pernas pelo salão.

Alerta na Chácara Vó Nice

Éllen Sodré Zanin

Ir aos finais de semana para a “Chácara Vó Nice” era o ápice da liberdade e da felicidade para Catinha e sua irmã caçula, Lud. Elas moravam em um bairro muito humilde, conhecido por seus perigosos vizinhos da ‘Gangue da Lata’, então, mal podiam chegar perto do portão de casa. Os pais só ficavam tranquilos e permitiam certas regalias quando elas iam dormir com a vó Nice e o vô, na chácara, que ficava afastada do bairro deles e numa parte mais calma, porém perto do centro da cidade, como era comum em muitos municípios do cerrado baiano, naquela época.

O espaço da chácara era enorme. Tomava praticamente uma quadra inteira e, na maior parte do terreno, tinha árvores frutíferas, como o grande pé de manga que dava uma sombra agradável na porta da casa. Mas, o vô fez questão de deixar um espaço com muita areia para que os netos pudessem brincar. Ao fundo, encontrava-se um lote dividido por uma cerca de arame farpado, um terreno abandonado, alagadiço, cheio de bananeiras e uma mata densa e alta. Era a parte proibida para as crianças, pois além do risco de ter animais peçonhentos, cheias de imaginação, elas achavam que de lá poderiam sair onças pintadas. Mas o que ninguém imaginava, nem mesmo os adultos, é que a calmaria estava ameaçada e de lá poderia sair algo bem mais perigoso!

Na chácara elas brincavam o dia todo, à vontade com as amigas, até mesmo à noite, quando o vô dormia cedo e vó Nice, às escondidas, permitia as estripulias da molecada, desde que cumprissem algumas condições: que não acordassem o vô com gritos; que ajudassem a caseira, dona Nita e a filha dela, Tina, em alguns afazeres; e prometessem acordar cedo no domingo para irem à missa.

Hoje, as meninas, já adultas, lembram com saudades e muito orgulho das peripécias daquele tempo, quando puderam ter uma infância perfeita, “de verdade”, como dizem. Corriam na areia, subiam em árvores

e até comiam frutas no pé! Lembram até do sabor e do cheiro das compotas de doce de goiaba que a vó preparava com as frutas mais maduras que elas colhiam. Gostam ainda mais de lembrar essa parte da infância quando se reencontram e, com muito entusiasmo, falam daquele tempo, quando até os mais velhos resolviam brincar também. Contam dos perigos da noite, que adoravam sentir aquele frio na barriga no meio da escuridão, pois o medo era um ingrediente estimulante nas brincadeiras, junto aos ruídos dos animais noturnos e sussurros para não acordarem o vô. Porém, a lembrança mais inesquecível e aterrorizante que contam, aconteceu durante o dia, quando brincavam de “alerta”.

Num domingo como vários outros, após chegarem da missa e tomarem um café da manhã reforçado, limparam todo o espaço em volta da casa com dona Nice, Tina e mais cinco amigas, catando as frutas podres caídas para jogar fora e varrendo as folhas secas da terra. O vô saiu para comprar alguns ingredientes para o almoço e a vó foi para a cozinha preparar o bolo de sempre para o lanche da tarde. A diversão estava assim autorizada e lá foram elas pegar a bola pendurada na mangueira, para brincar de “alerta”.

Todas já estavam acostumadas com as regras, mas sempre relembavam para que ninguém trapaceasse. Primeiro tiravam “zerinho ou um” e depois “par ou ímpar”. Lud perdeu e foi logo pedindo para as demais se posicionarem num círculo em volta dela, ansiosa para jogar a bola para cima e dizer o nome daquela que teria de acertar alguém. Quem será que iria perder ou ganhar “vidas” desta vez?

Lud conhecia bem as fraquezas das outras meninas - quem conseguia correr mais ou menos, quem tinha melhor ou pior mira – e jogou a bola chamando Luiza pelo apelido: “Luluuuu!”. Luiza se distraiu com uma movimentação na porta da casa e demorou a pegar a bola. Quando conseguiu e gritou “alerta!”, as demais pararam feito estátuas. Ela ia começando a dar os três passos a que tinha direito para tentar acertar uma amiga, mas foi interrompida! Entre os gritos de euforia e a barulheira que faziam correndo para longe de Lulu, perceberam vó Nice desesperada, chamando-nas apenas com gestos para que entrassem e pedindo à dona

Nita que levasse as crianças para dentro de casa. Isso porque a movimentação que Lulu viu era de policiais que entraram à paisana. As meninas acharam que era mais uma das visitas domingueiras, pois entraram calmos, mas na verdade, entraram com cautela para não assustá-las e para que tudo parecesse dentro da normalidade mesmo.

Um deles era um investigador conhecido da família e avisou à vó Nice que precisavam fazer uma operação surpresa. Tinham recebido uma denúncia de que alguns integrantes da ‘Gangue da Lata’ estariam escondidos no lote ao fundo, então eles precisariam usar aquele espaço para tentar fechar o cerco e pegá-los! Porém não deu tempo e logo ouviram-se disparos! Dona Nita saiu para pegar Catinha, que tinha corrido para longe e estava demorando a entender tudo o que estava acontecendo, sem saber se continuava “estátua” ou corria mais, no meio daquela confusão.

De acordo com a crença de vó Nice, foi obra de Deus deixar uma raiz bem grossa da mangueira à mostra, pois Dona Nita e Catinha, correndo trêmulas, apressadas e sem olhar para o chão, tropeçaram na raiz e caíram. Assim, tiveram suas vidas salvas de uma bala perdida que passou bem acima delas!

Hoje, contam rindo que naquele dia a adrenalina foi a mil por hora e elas terminaram o “alerta” com todas as vidas, pela primeira vez! A operação da polícia foi um sucesso, todas ficaram sãs, salvas e cheias de vidas! Aquele dia ficou marcado na memória de todos: o dia no qual o “alerta” na Chácara Vó Nice, virou “polícia e ladrão”!

Amarelinha - A Predileta!

Marilde Guedes

brincar de Marla foi escasso ou melhor dizendo, a ela não foi dado o direito de brincar, de socializar-se coletivamente por meio da brincadeira. Quando participava de alguma brincadeira era às escondidas, para que os pais não percebessem. Mesmo assim, não perdia a oportunidade de demonstrar suas habilidades em pular Amarelinha – sua brincadeira predileta. Até porque, não dependia de recursos financeiros para isso. Seus pais não tinham dinheiro para comprar brinquedos. Talvez, por isso, ela gostasse tanto dessa brincadeira.

Amarelinha é uma brincadeira popular, só precisa de uma pedrinha, riscar no chão as casas/quadrados/retângulos, numerá-los de 1 a 9, o topo é denominado de céu. Coisa que a menina sabia muito bem, e não perdia para ninguém. Tinha fascinação pelo jogo. Era sempre campeã.

Em uma tarde de outono, depois de arrumar a humilde casa dos pais, saiu com sua irmã menor, Lucília, para a casa de uma coleguinha. Vontade de brincar era o que lhe vinha à mente. Não perdeu tempo, deixou a pequena irmã na calçada e foi aproveitar aquela tarde, com a brincadeira que lhe dava prazer, sensação de liberdade, força e noção de espaço. Brincou tanto que se esqueceu de cuidar da Lucília. Por um descuido, a menina caiu da calçada. Embora não tivesse se machucado, berrava em gritos e choro, que se ouvia à longa distância, chegando aos ouvidos de D. Luíza, mãe das duas crianças, que era brava e gostava de dar castigo severo.

Marla pensou: - hoje não escapei de uma sova! E, das grandes, porque mamãe não vai me perdoar! Mesmo assim, estava muito feliz.

Seria tão bom se todas as crianças tivessem o direito de brincar! Infelizmente, existem crianças que não sabem o que é o brincar. Outras, só brincam às escondidas, correndo o risco de serem surpreendidas com

gritos, para retomarem às atividades do trabalho doméstico, cuidar dos irmãos menores, fazer faxina na casa de terceiros, para ajudar no sustento da família. Foi assim a infância de Marla.

Imaginem o que viera a acontecer com Marla? Proibição total do brincar. Não só de Amarelinha, mas de qualquer outra brincadeira. Era o castigo pela falta de cuidado com a irmã e, principalmente, porque, para D. Luíza, essa brincadeira não era para meninas, pelo fato de suspender uma das pernas para pular. Isso era falta de vergonha, no seu entender.

É porque D. Luíza não sabia como a Amarelinha é importante para o desenvolvimento físico, motor, cognitivo e social das crianças; que ajuda na organização do esquema corporal, estimula a comparação entre as ações dos participantes; possibilita a noção de espaço, força muscular; números, medidas, geometria, contagem; sensação de prazer. Certamente, se soubesse garantiria tudo isso à filha. Na verdade, nem Marla tinha todo esse conhecimento. A menina sabia mesmo era do prazer de brincar.

Sem aceitar a proibição, a menina não perdeu tempo, foi pesquisar sobre a sua brincadeira predileta, para tentar convencer sua mãe a voltar atrás sobre o castigo imposto. Pra quem não sabe, Marla já era alfabetizada e lia com muita desenvoltura, aos 7 anos de idade.

Pensou ela: só conhecendo a história da brincadeira poderia reverter a situação e voltar a ter momentos tão divertidos com suas coleguinhas. Marla descobriu que a Amarelinha chegou ao Brasil, trazida pelos portugueses, mas a versão brasileira é de origem francesa, com o nome de marelle, que foi adaptado popularmente com amarelo mais o sufixo diminutivo (inha), daí amarelinha; que em algumas regiões do território brasileiro é conhecida por academia, sapata, pula-macaco, avião, jogo da pedrinha, maré. Ela a conhecia por pula-macaco. Inclusive, ficou sabendo que em Portugal é conhecida como jogo da macaca ou simplesmente macaca.

Muito curiosa e achando não ter elementos, ainda, suficientes para convencer sua mãe, a menina procurou saber mais sobre a brincadeira. Foi

aí que descobriu muito mais sobre a sua diversão preferida, por exemplo: que há regras para participar, o que precisa para realizar o jogo, como se brinca, (nisso tinha expertise). Marla sempre ganhava das outras meninas, era difícil ela sair do jogo porque, raramente, perdia.

Sobre as regras, achou melhor anotar para mostrar a D. Luíza, que não era uma pessoa fácil de ser convencida. Aparentemente durona, mas, de coração sensível, mole como mamão maduro.

Com suas habilidades em ler e escrever, registrou em um caderninho as principais regras: não pisar na casa que está a pedrinha ou nas linhas da amarelinha; o jogador não pode esquecer de tirar a pedrinha da casa; perde-se ao errar a casa em que a pedra deveria cair; não pode desequilibrar e pisar com os 2 pés, quando tiver somente uma casa para pisar. E o mais importante, chegar na última casa e na volta recuperar a pedrinha.

- Nossa, quantas descobertas, disse a menina! Acho que vou convencer a mamãe a mudar de ideia. Ela é brava, mas, tem o coração derretido. Coração de mãe é assim mesmo, sensível, puro amor!

Tenho certeza, vou voltar a brincar de Amarelinha, a minha predileta!

Vivas às brincadeiras infantis!

A Menina Casa de Urso

Thaiane Araújo Leite

Certa vez, conheci uma menina que era casa de urso. Seu nome era Clara. Ainda me lembro bem de quando a encontrei sentada sozinha em um balanço, na frente da sua casa. Tínhamos 10 anos. Eu havia acabado de mudar de cidade e fui morar em um bairro tranquilo de Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Naquele tempo, as ruas ainda eram de terra e eu podia ficar brincando na frente de casa até mamãe me chamar para tomar um banho e dormir.

Nesse dia, vi a menina casa de urso, de cabeça baixa, a mexer devagar no seu balanço, enquanto seus pés descalços faziam círculos no chão. Não hesitei, perguntei logo o seu nome e se queria brincar comigo. “Eu não sou muito boa de brincadeiras,” disse ela. Mas eu insisti e a chamei para brincar de pega-pega. Ela me olhou de frente nesse momento, deu um sorriso aberto e se levantou do balanço. Depois disso, passamos a tarde correndo e gargalhando pela rua.

A partir de então nos tornamos grandes amigas e gostávamos de brincar de amarelinha, queimada, pula-corda, esconde-esconde e de pular elástico. A Clara tinha muita agilidade e, ao longo do tempo, foi se mostrando uma menina muito corajosa! Ela não tinha medo de subir em árvores, mesmo aquelas mais altas, e sempre me desafiava a conhecer algo novo. No entanto, eu sabia, pelas nossas conversas, que a Clara tinha dias difíceis na escola e seus colegas frequentemente zombavam dela por causa de sua magreza. Ela temia as brincadeiras na hora do recreio, especialmente o cabo de guerra, onde a força física era essencial. Por algum motivo ela se sentia fraca e achava que nunca iria conseguir ganhar.

Mas, o nunca às vezes chega cedo demais. Me lembro bem do dia em que estávamos sentadas na porta de casa e um grupo de meninas mais velhas nos desafiou para um cabo de guerra. Eu sei que a Clara sentiu um frio na espinha, pois eram as mesmas meninas que frequentemente

zombavam dela na escola, a chamando de magrela e medrosa. Mas eu sabia que poderíamos vencer, porque eu a conhecia melhor do que aquelas meninas.

Clara me encarou nesse momento, como quem pedisse a minha aprovação, e eu apenas acenei que sim com a cabeça. Levantamos decididas a ganhar aquela disputa e logo começamos: as duas meninas mais velhas fizeram uma linha central no solo de barro com um graveto que estava no chão, pegaram uma corda grande e se posicionaram de um lado da linha e a Clara e eu, do outro lado. Ela segurou a corda com força, sentindo as mãos suarem de nervosismo. Começamos a puxar e logo sentimos a força do grupo rival. Nossos pés deslizaram um pouco para frente, mas logo eu gritei, "Puxe, Clara! Use toda a sua força!"

Clara fechou os olhos e concentrou-se. Eu sei que ela se lembrou de todas as nossas brincadeiras e de como foi ganhando confiança ao longo do tempo. Algo dentro dela despertou, e eu a vi com a força de um urso que se sente encurralado. Clara soltou um grito de determinação e puxou a corda com toda a sua força! Eu estava ao seu lado, puxando também com muito vigor, mas nada comparado ao que Clara estava fazendo.

Para surpresa de todos, a corda começou a se mover para o nosso lado e as outras meninas começaram a perder terreno. Percebi então que Clara sentiu essa nova força, uma confiança que nunca havia sentido antes. Com um último puxão forte, as meninas se desequilibraram e seus pés começaram a ultrapassar a linha central até que as derrubamos e vencemos o cabo de guerra.

Não consigo esquecer como a Clara ficou ali, ofegante, olhando para a corda em suas mãos como se um filme passasse em sua cabeça. Corri para abraçá-la, rindo e comemorando. "Eu sabia que você era forte, Clara! Parece que tem um urso dentro de você!"

Os olhares de espanto das outras meninas se transformaram em respeito. Clara percebeu que havia superado seu maior medo: não apenas havia participado do cabo de guerra, mas também o venceu. E o mais importante, ela descobriu que era casa de urso.

Depois desse dia, todas as crianças da rua queriam a Clara e eu em seu grupo durante as brincadeiras, pois nos consideravam fortes e corajosas.

Continuamos amigas por todos esses anos, aproveitamos muito bem a nossa infância e compartilhamos muitos momentos especiais juntas, uma sempre fortalecendo a outra. Mas a distância que estamos agora não pode ser vencida por meio de uma viagem de ônibus ou de avião. Não podemos trocar mensagens ou nos falar pelo celular... Clara se foi, mas me deixou uma das lembranças mais lindas da minha infância: quando brinquei de cabo de guerra com a menina casa de urso. E ganhamos!

À Sombra do Juazeiro

Adilma Vilela

Era muito pequena, mas ajuizada. Por isso, na maioria das vezes, ficava por conta de entreter os irmãos menores, para que a mãe pudesse pensar no sustento da casa e o pai em não ser aborrecido, como era costume na época. Crianças do mundo moderno teriam dificuldade em cumprir o feito, dado o apelo das mídias e a facilidade com que se envolvem no vasto mundo da internet. Mas, ela era uma criança de outra época e, por meio da imaginação, achava fácil a arte de inventar brincadeiras para enrolar o tempo.

Na casa onde ela morava na infância, naturalmente, não haviam pés de juá. Coabitavam no espaço do alpendre e do quintal, cercado por árvores típicas do pomar: mangueiras, laranjeiras, pés de romã e abacate. Tinha ainda um girau e, sob ele, repousava uma pequena horta com temperos verdinhos: cebolinha e coentro, pimenta de cheiro, hortelã miúda, tudo à mão, para incrementar as comidas de panela que a mãe da menina, vez ou outra, reclamava que estavam insossas.

Quando fazia sol, a menina corria pelo corredor estreito que dava para este mundo verde, abraçava as mangueiras, espiava o pé de abacate – altíssimo – furava o dedo miúdo no limoeiro, ia de um canto ao outro do quintal em busca de inspiração para planejar a tarde recreativa da turminha de irmãos que tinha sob seus cuidados.

Mas este não era o seu lugar preferido para pensar nas melhores brincadeiras. Nas férias, a missão da menina se alongava tanto e, sem as árvores do pomar, o território da ludicidade passava a ser um imenso pé de juá, árvore elevadíssima, muito elegante e frondosa, galhos retorcidos e finos, com espinhos agudos e um robusto tronco, que ficava na parte lateral da sede da fazenda, lugar que seu pai administrava deste que ela chegou às terras oestinas.

Foi sob a sombra deste imenso juazeiro, que as brincadeiras do cerrado tomavam forma e se preenchiam de simplicidade. Brincar de quê? Num lugar assim, tão despido de tudo: o terreno era coberto de fino pó, dada a estiagem que permanecia por quase todo o ano. O riacho, que abastecia a sede, não era fundo, mas corria bem longe dali. O sol escaldante pintava de amarelo tudo que havia no entorno, trazendo a sensação de cansaço e inquietude. E o silêncio era entrecortado tão somente por aves que, vez ou outra, se cruzavam na vastidão do céu, em busca de comida e abrigo.

No entorno do alpendre da varanda que defrontava o pé de juá, existiam outras espécies nativas bem conhecidas na região: cagaiteiras, umbuzeiros, pequizeiros e cajuzinhos do cerrado. Mas nada se comparava ao terreiro sombroso e fresquinho que se formava embaixo do pé de juá. As brincadeiras neste cenário se sustentavam num eterno faz de conta. E como a menina era uma espécie de “manda-chuva” no comando, naturalmente, era também a mestra, na arte de mandar: “- Boca de forno! Fará tudo que sua mestre mandar? E se não fizer? Bolo!” Bastava isso: um “abre-te Sésamo” para o faz de conta começar. “Sua mestre mandou dizer que ficamos ricos, e temos boizinhos até onde nossa vista alcançar!” E todas as crianças saíam loucas à caça de cabecinhas de bois, feitos de oiti, ou de mangas que ainda eram brotos, com galhinhos fincados, enfileirando-os um atrás do outro entre as raízes do antigo juazeiro.

Logicamente, haviam percalços entre a tarefa de obedecer a mestre, que orientava toda a brincadeira, e a execução das ordens. Era preciso também administrar os conflitos que eram próprios da idade e do feitio da brincadeira, pois se sabe que todo final feliz requer o mínimo de esforço, e se não o fizer, leva palmadas (ou bolo). Algumas crianças choravam porque não estavam assim tão ricas; as que dividiam os boizinhos se o outro desse seu estilingue em troca da “boiada” e as que ficavam tão zonzas com o corre-corre, que ganhavam outra função: tomar conta do “patrimônio” alheio enquanto os donos do “gado” saíam para almoçar.

Como brincar é uma novidade que permanece novidade, a mestra improvisava um mandado por dia, porque fazer passar as horas era o que havia de mais importante na sua missão.

– Agora eu sou a dona da casa: vou dividir os cômodos e cada um(a) resolve a sua parte! De novo, era uma correria de pés descalços em busca das pedrinhas para dividir a área da casa, a parte que cabia a cada um naquele pequeno latifúndio, gritaria para quem tinha mais caixinhas de fósforo para a mobília, retalhos surripiados do malote de couro secreto da tia, pedaços de barbante e papel de embrulho surgindo de tudo que era canto.

Coisa que fazia as outras crianças pirarem era quando o desejo da mestra era que virassem o próprio fazendeiro: não tinha nada que bastasse ou que fosse grande o suficiente para suprir os desejos dos pequenos lavradores: nascia assim uma mini plantação de feijões e milho, uma ponte com um riacho embaixo, um cercado cheio de boizinhos pastando, uma casa grande com cobertura de galhos e até telhinha feita de argila e barro; um varal com roupinhas recortadas de jornal, uma cerca de arame farpado entre um espaço e outro, pessoas feitas de tamarindo, de bonequinhas de milho e de galho seco. A mestra, que era prendada, ia roubando flor por flor do jardim alheio, dando um pouquinho de formosura aos espaços rurais improvisados com criatividade e sonho, para ao final serem desfeitos, porque para que uma brincadeira nasça outra tem que, antes, acabar.

Dias e dias a menina recorrera às brincadeiras do cerrado, não só estas, mas também outras, dando asas à imaginação para cumprir fielmente o pedido da mãe e ofertar o tão sonhado sossego do pai. Foi assim por todo o tempo chamado de infância, e hoje, se porventura a menina se visse debaixo do juazeiro de outrora, diria exatamente assim:

– Sua mestre mandou entrar no universo do imaginário, viver e sonhar, brincar e construir sua própria história, sem perder a leveza diante dos percalços, num mundo de brincadeiras inventadas. E tudo que eu mandar fazer, faça! ”

Bandeirinha

Marleide de Araujo

Numa cidade pacata no interior de estado da Bahia, nasceu uma menina muito esperta, cheia de aventuras e sonhos para realizar. Maria cresceu com os pais e sete irmãos. Era uma garotinha muito feliz, pois levava a vida com entusiasmo e expectativas. Gostava das histórias de Monteiro Lobato, do céu azul enfeitado com um belo sol amarelo, pois era assim a ilustração de uma página do livro de Lobato, na pequena escola onde estudava. Apreciava também histórias de outros autores e amava ver as ilustrações de cada uma delas.

Os pais de Maria não tinham muitas condições de propor o melhor para sua pequena filhinha e seus irmãos, quando o assunto era os estudos; pois faziam parte de família simples e humilde. Mesmo assim, a menininha era ousada e enfrentava as dificuldades materiais de sua vida estudantil. Só uma coisa, a garota não conseguia enfrentar com muita desenvoltura: correr como os demais coleguinhas de sua turma.

Todas as tardes, à hora do intervalo de meia hora, a garotada da Escola Municipal Castro Alves se preparava para as brincadeiras mais divertidas, na rua em frente à escola. E lá, mais uma vez, estava Maria disposta a brincar e a competir com a meninada. A brincadeira que ela mais gostava era “Bandeirinha” e, apesar de não ser muito boa nessa modalidade, a aventureira competia, pois tinha esperança de um dia vencer, pelo menos, uma vez nesse tipo de competição.

Bandeirinha é uma brincadeira que precisa de cinco a sete participantes, dentre esses, um é o defensor da bandeira, e os demais são os opositores que precisam pegá-la. Atravessar a linha de chegada com a haste na mão era o sonho de todo “salvador da pátria”, afinal de contas salvar uma nação consistia em uma honra almejada por todos os participantes da brincadeira. Além disso, ganhar é sempre bom,

principalmente quando se empenha muitos esforços. E assim, todos brincavam entusiasmados sonhando ser o salvador ou a salvadora da pátria.

Ser barrado por algum dos “inimigos” da bandeira era uma frustração, pois a pátria corria perigo de ser destruída por seus oponentes. E uma pátria derrotada ninguém queria ter. Então, todos desejavam, quando chegava a sua vez, salvar a nação e mostrar para os demais sua força e determinação, como símbolo de coragem e honra.

Nessa brincadeira, a garotinha sonhadora, nem sempre ganhava, pois não conseguia correr velozmente como os seus coleguinhas, mas ela insistia quase todas as vezes. Por algum momento até questionava em seus pensamentos: “Será por que quase não ganhava? Por que suas pernas eram fracas a ponto de não conseguir “salvar a pátria”? Enfim, questionamento ia, questionamento vinha e Maria seguiu nas brincadeiras de sua infância, ora perdendo ora ganhando.

Lembrava-se das histórias que lia, das personagens espertas que ganhavam suas corridas, lembrava-se daquelas que também trapaceavam para ganhar. Recordava-se das peripécias da raposa e gostava quando ela perdia, pois achava uma injustiça suas artimanhas.

Ainda muito criança, quando perguntada sobre qual a profissão queria exercer quando crescesse, foi bem decidida: “-Quero ser professora”, pois desde cedo entendia o valor e o peso que esse ofício tem na sociedade. Além disso, achava linda essa profissão. Percebia que no olhar de um professor havia esperança, em seu abraço um calor que protegia e aquecia a alma, em sua voz o conhecimento para ensinar, em seu coração a essência da sabedoria para amar, cuidar e zelar pelo sucesso de seus alunos. Desde cedo, a mocinha entendia que um professor podia muito no exercício de sua profissão.

O tempo passou e a mocinha da bandeirinha cresceu e, como era muito sonhadora e aventureira continuou acreditando que alguma corrida ainda haveria de ganhar, pelo menos uma pátria teria para salvar: – a pátria da educação, mesmo sabendo que para essa “salvação” precisa-se de um conjunto de salvadores.

E agora, como professora em sua terra amada, todos os dias levanta uma bandeira bem colorida apoiando e incentivando os estudantes a brincarem de bandeirinha para a construção de um futuro melhor. Ela espera que num tempo não muito distante, seus alunos aventureiros levantem suas bandeiras para salvar suas “próprias pátrias”, construindo conhecimento para não se alienar, denunciando a violência e abusos sociais. E, enfim, que sejam construtores de uma sociedade melhor, salvando muitas bandeirinhas.

Bandeirinha: Crianças em Cena

Emília Amaral

Minha infância e a dos meus contemporâneos, no cerrado baiano, ficaram marcadas pelas brincadeiras locais. Bandeirinha ou Pique Bandeira era a minha preferida!

Todas as noites era a mesma rotina:

– Vamos gente, vamos brincar de Bandeirinha!”

E lá íamos nós, meninos e meninas... iam-se as horas, sem que ninguém notasse o tempo passar, de tão grande que era a euforia! Essa talvez seja uma das memórias mais doces e divertidas da minha infância em meu Cantinho, um povoado encravado no interior da Bahia, onde residiam pessoas simples, que fazem parte da minha história!

Para brincar de Bandeirinha, bastavam dois times, uma vareta para fazer um risco no chão, dividindo o campo e mais duas varetas que eram colocadas nos extremos dos campos, desmarcados naquele espaço circundado por pés de oiti e tamarindo! Nossa diversão estava garantida!

As regras do jogo eram simples. O objetivo era roubar a bandeira do outro time e trazê-la para o nosso campo...Dado o sinal de “um, dois, três e já!” era uma ginástica só, pois o jogador que entrava no campo adversário poderia ser pego, e quando isso acontecia, este deveria ficar imóvel, até que um jogador do seu time viesse resgatá-lo.

Dizem que a brincadeira de Bandeirinha foi trazida para o Brasil pelos portugueses, nas primeiras décadas do Século XIX, mas que tem suas origens na Itália renascentista! Será que estava aí o motivo de eu gostar tanto dessa brincadeira? Alguma experiência dos meus antepassados ecoando dentro de mim? Sou bisneta de um português e de uma italiana, que pelos itinerários da história vieram para o Brasil, onde tive o privilégio de nascer.

Ah! se eu pudesse brincava todos os dias de Bandeirinha! Quando o grupo sugeria outra brincadeira eu até concordava, mas sempre indagava:

– E não vamos brincar de Bandeirinha hoje não?!

Já perto das 21 horas, ouvia-se um grito na janela...era o chamado materno informando que era hora de encerrar a diversão...

– Só mais um pouquinho?!” Era o pedido diário que, quase sempre, era negado. Ah! se o chamado era pelo nome completo, aí tinha que correr!

Ao entrar em casa, chateada com a interrupção, o comando era sempre o mesmo: - Lave o rosto, os braços e os pés, escove os dentes e vá dormir!

Eu, ainda agitada da brincadeira, com o rosto vermelho, demorava para desacelerar. Dormia e sonhava que estava brincando de Bandeirinha!

Brincadeira de Anel no Cerrado do Futuro

Bere Brazil

s tempos eram outros e as tardes cálidas efervesciam as vontades pré-adolescentes naquele condomínio de trabalhadores do setor de serviços daquele grupamento humano no cinturão do planeta. Era o Site 7 da City 309 do State CERROB 3030. Houve um tempo em que chamavam os grupamentos humanos por nomes próprios que de algum modo caracterizavam as localidades. O vídeo formativo da semana trouxe essa informação e ela ficou pensando o quanto lindo devia ser morar num lugar chamado Mimoso do Oeste... que pueril, que bucólico, imagina o setor ter um nome assim tipo: Morada da Lua. Que lindo! Sonhava com isso e de algum modo nominava o local de encontro da galera noite após noite como “Escadaria do Anel”.

Frederico era um garoto bonito, risada fácil, pernas longas e um emergente bigodinho de penugens que ela sonhava em passar a língua num entardecer daqueles que partilhavam com a galera do Site 7. Ele e Manu, a bonitona da City 309, tinham o anel que materializava pequenos objetos menores de 3 gramas, sonho de qualquer juvenzinho da época. Então, eram figurinhas carimbadas nas tardes suarentas, que partilhavam na escadaria a oeste do parque central, onde ainda corria um fiapo de brisa para refrescar o entardecer incandescente.

Normalmente, um deles tomava a iniciativa de organizar a brincadeira, o que tornava a expectativa do contato ainda mais cheio de querência. Ela tinha as mãos frias, pequenas e meio molhadas, sempre imaginava que ao contato às mãos de Manu se pareceriam com o contato feito com algum daqueles bichos anfíbios, que pulavam pelas cidades de antes do aquecimento.

Agora ele, ele tinha mãos quentinhas, macias e envolventes. As mãos dela pequenas e igualmente morninhas eram como que engolidas por aquelas mãos gostosas que, no mais das vezes, deixavam nas suas palmas

um mimo de cores suaves: borboletas, flores, corações, joaninhas, libélulas, formas que só reconheciam por causa dos vídeos formativos que eram obrigados a assistir todas as manhãs nas escadarias do leste.

E, então, depois que os outros “descobriam” que o mimo estava com ela, era a vez dela, espertamente, usar o anel, que embora ficasse grande para seu dedo indicador permitia que idealizasse toda sorte de maluquice na conexão com seu aplicativo de comunicação. No passado, chamaram de celular, mas, agora o APC usado como pulseira, abria uma tela holográfica que permitia a programação do volume a ser materializado através do anel de matéria temporária, sem que ninguém do grupo visualizasse a criação do “anel” que se desvaneceria em mais ou menos dez minutos no anel da Manu e quinze minutos no anel de Frederico. O suficiente para brincarem por umas duas horas, ou enquanto durasse a carga de energia do anel.

Quando ela chegou para morar no Site 7, vinha de um grupamento agropecuário, na periferia da city. Seu grupo menor teve essa distinção porque ela obtinha notas e desempenho surpreendente durante as transmissões formativas obrigatórias, das quais sempre participou com vontade e alegria transbordantes. Amava aprender sobre como era antes do mundo aquecer daquele jeito, e isso ficou perceptível para os monitores que a encaminharam para o setor de serviços onde a formação ia além dos conhecimentos para a lida com os dons naturais e mergulhava em caminhos mais sutis que permeavam a história das ciências humanas e outras profundidades do conhecimento.

As brincadeiras com o anel, naquela escadaria ao pôr do sol, era um presente a mais que a mudança provocara em sua vida. Aliás, descobrira que estava viva. Que havia coisas que mexiam mais com seu corpo e com sua mente, que as formações obrigatórias que partilhava com seus vizinhos de site.

As mãos de Frederico, o bigodinho suado moldurando seus lábios cheios e hálito de hortelã. A mente divagava. Aquelas mãos nas suas, esquentava seu corpo de um jeito que molhava a roupa interna. Tinha calafrios, divagava imaginando seu corpo tocado pelas mãos mornas e

grandes de Frederico. Se deixava ficar ao final das brincadeiras, aproveitando cada segundo daquela presença instigante. Ficavam ela, Manu e Frederico, os senhores dos anéis, quando aprendia mais e mais sobre a programação dos mimos em seus APCs.

Naquela noite Manu foi chamada pelo grupo menor para uma decisão de condomínio e eles finalmente ficaram a sós no entardecer... Lua crescente no céu avermelhado. As mãos se tocaram, os dedos se entrelaçaram e os lábios se uniram quase tímidos, mas depois gulosos. Naquela noite, foram embora com o dia quase amanhecido. Na despedida, Frederico materializou em suas mãos um anel com a mais linda pedra irradiando uma luz lilás. Quando se desvaneceu em suas mãos chorou, enquanto o sol iluminava o dia.

Naquela outra tarde Manu, que sempre chegava cedo, não chegou e o grupo resolveu começar assim mesmo a brincadeira. Todo mundo sabia que Frederico a privilegiava com os mimos durante as brincadeiras do anel e debochavam abertamente dessa preferência, mas não imaginavam o quanto seus corpos reagiam profundamente àquele contato, quase instantâneo em que as mãos de um se acomodavam no côncavo das mãos do outro. O que ela não sabia é que o mesmo se passava com Manu.

Na primeira rodada, pra disfarçar, Frederico deixou um passarinho azul na mão de outra menina, descoberta por um colega do grupo de luta que escolheu outro colega para receber o pequeno kimono impresso e assim jogavam sem compromissos maiores do que suas vontades, quando chegou Manu, entojada, por terem começado sem ela, sentou na escadaria e recebeu o mimo do garoto novo, um que acabara de chegar de outro grupamento humano.

Agora, com o anel de Frederico, ela iniciou a programação do seu mimo e foi passando suas mãos nas mãos dos colegas fazendo cena a cada um, como que para induzir os colegas a não perceber aquele com quem ela deixaria o mimo criado.

Ainda estavam descobrindo que o mimo estava nas mãos de Frederico, um coração pulsante, quando ela começou a gritar e a abanar as mãos das quais voou uma pequena faca extremamente afiada que cortou a

palma de suas mãos até sangrar. Foi a última vez que brincaram na escadaria. E os anéis foram tomados de Manu e Frederico. Ela foi conduzida para um nicho de recuperação de tecidos, mas não se livrou de uma cicatriz em forma de anel, que lhe acompanhou até a cerimônia de entrelace permanente, que viveu com Frederico alguns anos depois do ocorrido.

Brincadeira de Criança: Como é Bom!

Valdélia Bomfim Ramaccotte

*“Brincadeira de criança, como é bom!
Guardo vivo na lembrança, como é bom!”*

Música: Délcio Luiz / Wagner Bastos

A tardinha, sentado na varanda de casa, em silêncio, Luiz Pedro, o caçula da família, uma década mais novo que sua irmã Lúcia, gostava de ouvir aquela voz meiga e afinada, que ecoava de dentro de casa. Era a voz de Lúcia, sua irmã mais velha, que gostava de cantar embaixo do chuveiro, as cantigas de sua infância.

Luiz Pedro ficava encantado com as conversas e risadas de Lúcia, quando falava a respeito das brincadeiras de quando ela era pequena. Ele queria saber e passava a imaginar como eram as brincadeiras e cantigas de roda do tempo de criança de sua querida irmã e de suas amigas de infância. Lúcia, por sua vez, gostava de recordar dizendo:

– No meu tempo, às crianças brincavam e se vestiam como crianças; as brincadeiras eram criativas, aconteciam ao ar livre. Nós gostávamos de andar na bicicletinha (a minha magrelinha que ganhei do meu avô), correr pelas praças e calçadas, tomar banho de rio, jogar giribita, brincar de queimada, peão, pular corda e elástico, brincar de nego-fugido, boca-de-forno, estátua, e fazer comidinha (nas panelas de ferro que eram de mamãe).

Lúcia, no seu íntimo pensava: quem não se lembra com saudades das brincadeiras de criança, dos tempos de crianças que não voltam mais, das inúmeras brincadeiras que ficaram para trás, das cantigas de rodas cantaroladas e embaladas nos quintais de casa, embaixo das mangueiras?!

A moça sabia que tinha muito para recordar e contar suas experiências de infância e acrescentou, dizendo:

– Luiz, você quer mesmo saber? Vou contar o que guardo na lembrança do meu tempo de criança. Adiantando a conversa, ela foi falando:

– Gosto de levar a vida, recordando a minha infância feliz, pois, tenho muito para recordar e contar. Vou cantar para você esse refrão, aproveita para aprender também. Cante comigo:

*Ajoelha povo que lá vem Jesus,
Ele vem cansado, com o peso da cruz.
Ele vem cansado, Maria também,
Deixo paz na terra para sempre. Amém.*

Com lágrimas nos olhos, continua a recordar, com muita emoção, aqueles momentos inesquecíveis do seu tempo de menina! E continuou a cantar...

*Aproveita minha gente, que essa noite não é nada;
Quem não vir agora, chegará de madrugada,
Aproveita minha gente, nessa noite de São João,
Quem não vir agora, vai perder muito quentão.*

As cantigas de roda, eram entoadas em alto tom. A criançada, no meio da rua, formava um grande círculo, rodando de mãos dadas, cedo da noite no clarão da lua cheia. Assim, as cantigas eram entoadas pelos meninos e meninas da vizinhança da cidade.

Lúcia voltou a dizer:

– Cante comigo meu querido, essa linda cantiga de roda, era a minha preferida...

– Veja que linda!

*Cajueiro abaixa a galha que eu quero tirar caju,
Cajueiro eu bem te disse que meu noivo eras tu,
Eu fui no Tororó, beber água e não achei
Encontrei linda morena que no Toroóró deixei*

Aproveita minha gente que uma noite não é nada...

*Se não dormir agora, dormirá de madrugada,
Oh! Mariazinha entra nessa roda, para não dançar sozinha...*

*De dentro e meio da roda a menina Mariazinha. Logo responde:
Oh! Sozinha eu não danço e nem hei de dançar,
Porque tenho Deia para ser meu par.*

*Põe aqui, põe aqui o seu pezinho
bem juntinho, bem juntinho igual o meu
Ao virar, ao virar o seu corpinho,
Um abraço, um abraço lhe darei.*

Assim, finalizava a cantiga de roda e a menina ou menino que era escolhido(a) e recebia o abraço, ficava no centro da roda e recomeçava a cantiga de roda...

Portanto, uma brincadeira saudável, ajuda assimilar o mundo à sua volta, impulsionar sonhos e fantasias.

Luiz Pedro, ouvindo com carinho, muito calado e com olhar atento, ficou em êxtase, refletindo sobre as palavras de sua irmã, percebendo como as brincadeiras da década de oitenta, de sua irmã eram diferentes das brincadeiras de hoje!

Convidar o lúdico para a sua vida, oportuniza realizar sonhos, voltar a ser criança! Agir brincando, das asas à imaginação, ao faz-de-conta, à criatividade é uma porta que se abre para ganhar e descobrir o mundo da fantasia, da alegria que pertence ao mundo da criança. Uma oportunidade e momento de filosofar e viver a poesia!

Então, Lúcia finaliza a conversa dizendo ao irmão, Luiz Pedro:

– Percebeu como as nossas brincadeiras eram alegres, saudáveis, sem preconceito, sem brigas, com muita emoção e pureza de coração? Eram verdadeiramente, feitas por crianças e para crianças. Isso tudo é para dizer que, a maioria das crianças crescia saudáveis e felizes, tornando-se adultos responsáveis, um canal de bondade e amor.

Brincadeiras de Bonecas

Dalviene Pereira de Souza

Na fazenda Malhada viviam o Senhor Pedro magro e sua família, que era bastante numerosa, formada por ele, sua esposa, a sogra, seus oito filhos, seis meninas e dois meninos e, ainda, outras crianças, filhas de compadres e amigos, que também gostavam de passar temporadas ali. Na fazenda o dia começava muito cedo. Às quatro da matina a criançada já nagrejava pela casa para dirigir alguma atividade, seja preparando o café da manhã, seja tirando leite das vacas ou pegando água em potes e cabaças no marimbu ou na cisterna do vizinho, para suprir as necessidades da casa. Todos participavam da lida, mas, o que as meninas mais gostavam mesmo era de brincar de casinhas de bonecas. Elas faziam suas tarefas às pressas para sobrar tempo para um pouco de brincadeira.

Todos os dias, as crianças, em seus momentos de “folga”, se reuniam debaixo de um pé de manga lisa, muito frondoso, que ficava no fundo da casa onde moravam e próximo à casa de farinha, para montar suas casinhas de bonecas feitas de pedaços de madeira, que sobravam de alguma peça que o pai fabricava. Todas aquelas sobras eram especiais para as meninas, pois aquelas madeiras tinham destino certo.

Então, as meninas ficavam na expectativa para ver quando e onde o pai iria trabalhar com madeira, para apanharem os pedaços que sobravam, pois, lhes eram muito úteis na fabricação de suas casinhas de bonecas.

As meninas faziam essas casinhas colocando os pedaços de madeira conforme a quantidade que cada uma conseguia juntar. E, assim, o ambiente debaixo da mangueira ia ganhando forma, parecia mesmo uma vila de bonecas. Era lindo de se ver.

Naquele lugar, o que não podiam faltar eram as bonecas, sejam elas feitas de sabugo de milho seco, sejam elas bonecas de pano ou ainda de milho verde, se era época de produção do milho. Não era raro os pais, vez

ou outra, ficarem “bravos” por causa do desfalque nas roças de milho, mas, depois, tudo era resolvido. Nada que uma boa conversa não resolvesse.

Naqueles tempos, a criançada saía pelo quintal afora em busca das mais bonitas bonecas, as de cabelos vermelhos, as de cabelos rosas, as de cabelos pretos e, ainda, as de cabelos loiros ou ruivos. Suas casinhas ficavam encantadoras. E não é que as bonecas conversavam!

– Comadre Minê pra cá, comadre Minê pra lá... – cumá Maria pra cá, cumá Joana pra lá... e assim passavam horas dialogando como se fossem gente de verdade. Elas planejavam o futuro, organizavam a casa, tinham bebês, que eram batizados na igrejinha da vila das bonecas. E a vida seguia o seu percurso...

Havia também os casamentos dos filhos e filhas das bonecas. Os preparativos duravam dias. Uns eram responsáveis para preparar as roupas dos noivos, outros para bordar os enxovais das noivas, e ainda haviam grupos para organizarem o local onde seriam realizadas as cerimônias. Cada um ajudava da maneira que podia. As festas eram bastante animadas, até sanfoneiro tinha. Nas vésperas dos casamentos as bonecas adultas se juntavam para preparar o alimento, que era servido logo após. Tudo era feito com pedaços de frutas, pétalas de rosas e o que era possível colher nos quintais. Era uma comilança só.

Como era uma vida no campo, as bonecas também se interessavam pela pecuária, criavam bois, vacas, porcos, galinhas e bodes. As famílias que viviam na vila das bonecas se reuniam para fazer os currais para o gado. Era um trabalho coletivo. Cada criança, que idealizava o projeto de vida da família das bonecas, ficava responsável por adquirir uma quantidade de objetos para a confecção dos currais. E, assim, conseguiam fazer enormes ambientes para prender os animais. Esses animais eram feitos de frutas, que eram produzidas no próprio quintal de casa.

No período das mangas, as crianças faziam bois e vacas com manguinhas verdes que caíam do pé, e com gravetos de pau, faziam as pernas e os chifres desses animais. Era uma labuta para fazer tantos animais, os currais ficavam cheios. Havia famílias que se dedicavam à plantação de cereais, frutas e verduras. Aquilo era encantador e apaixonante.

As crianças se envolviam tanto, colocando as bonecas para conversar, para ajudar umas às outras, que o tempo passava e elas nem percebiam. Na vila das bonecas existia uma vida comunitária. Como quase todas as bonecas eram comadres, os papos rolavam soltos até ao final da tarde...

O que as meninas menos queriam era que os seus pais inventassem algum serviço proposital só para acabarem com a festa. E isso era uma dura realidade. Quando elas estavam bem envolvidas na brincadeira, os pais as chamavam para executarem alguma tarefa, e a insatisfação da criança ficava estampada em cada rosto, muitas choravam de tristeza e muita raiva. E as casinhas eram desmontadas... Essa rotina se repetia quase todos os dias.

No dia seguinte era a mesma coisa, os ânimos se afloravam... Logo cedo todas as crianças procuravam fazer suas tarefas, apressadamente, para voltarem à mangueira e darem continuidade às brincadeiras, que a cada dia se ampliavam em criatividade e alegria.

Tudo ficava mais divertido quando as primas apareciam para brincar juntas. Elas traziam lindas bonecas de pano com roupas coloridas. Era uma coisa de dar inveja. Cada boneca linda! As crianças queriam aproveitar ao máximo aquele momento, pois além de diversão, era também um espaço para fortalecer os laços familiares e celebrar o amor entre as crianças e também entre os adultos. Enquanto as crianças brincavam, os adultos contavam histórias, botavam os papos em dia, se divertiam...

Naqueles tempos as pessoas pareciam ter mais tempo; elas se visitavam nos finais de semana. E olhem que nem carro existia. Todos andavam ao lombo de um cavalo ou a carro de boi, enfrentavam os desafios das estradas de chão, o sol, o frio ou o calor, mas faziam tudo com muito gosto, porque era nas vivências entre os parentes que as crianças aprendiam o sentido da vida. Era nas brincadeiras entre primos e amiguinhos que meninas e meninos se constituíam cidadãos e cidadãs. Era muito divertido ver os familiares chegando, principalmente, porque sempre chegavam trazendo consigo as crianças. E aí sim, a brincadeira de bonecas debaixo da mangueira era garantida.

Brincadeiras dos Cerrados

José Paes Landim

Nunca se afastam de nossas lembranças os quantos sonhos vividos e tão bem realizados em nossa infância, e, em não menor alegria, em nossa adolescência nos campos livres dos Cerrados formosenses, sob as bênçãos da natureza ainda relativamente virgem.

Vivíamos, naquela época, o melhor dos nossos sonhos, neles, moldando e construindo nosso próprio mundo, de mãos dadas com a natureza, sempre pródiga em nos contemplar com o que ela tinha de belo e de bom, cedendo-nos seus espaços, para nossas brincadeiras, quando tudo era poeticamente encantador.

Foram sonhos que, não se imaginando o contrário, se veem tatuados em nossas lembranças e não menos em nossos agradecimentos, o que não é para menos, por tudo quanto prazerosamente nos cercara, inclusive no que toca à liberdade com que disputávamos nossos entretenimentos, quando, ainda bem distante, tínhamos a mão predatória do homem, como impiedoso agressor da natureza.

Mas vamos agora às brincadeiras, que nos chegam tão nítidas em nossas reminiscências. De um lado ficavam os meninos e do outro as meninas. Não havia, entre nós, qualquer competição, senão aquelas ligadas às nossas brincadeiras nos espaços com que fomos agraciados pela natureza.

Os meninos, como não poderia deixar de ser, davam preferência aos banhos no Rio Preto, por vezes o atravessando em largas braçadas, vezes outras, elegendo o Porto da Usina, onde se encontrava, fincado no leito do rio, um tronco escuro, no qual se encontrava amarrado um cipó agreste.

No segurar aquele cipó, estava o ponto alto de nossas aventuras, porque não era tão fácil prendê-lo firme em nossas mãos, posto que bem forte era a correnteza do rio, mas, quando conseguíamos segurá-lo, vendo-

o inescapável em nossas mãos, com as águas, em nosso peito, se partirem ao meio, contagiante era nossa alegria, ao festejar tão cobiçado feito.

Em momentos outros, para continuidade de nossas brincadeiras, contávamos com as belas noites de luar, cujos clarões, que mais pareciam dias, denunciavam a beleza dos Cerrados, tornando-se, assim, ainda mais fascinantes aquelas noites enluradas, para nossas brincadeiras. Elegíamos, como preferida, a do Nego Fugido, Capitão do Mato. Esta brincadeira se constituía em nos esconder nas copas das velhas mungubeiras da Rua Grande, hoje Rua da Matriz, até que fôssemos descobertos pelo Capitão do Mato.

Naquelas mesmas e belas noites de luar, as meninas é que vibrantemente faziam a festa, todas elas de mãos dadas, rodando e cantando canções, como “Ciranda Cirandinha”, “Samba Lelê”, “Se essa rua fosse minha”, “Guarda meu anelzinho bem guardadinho”, dentre outras relíquias, igualmente inapagáveis de nossas lembranças.

Elas brincavam, também, de “Picula”, que se constituía num tal de correr e de se esconder nas ruas próximas, por vezes, entre os fedegosos, vivendo um mundo de felicidade, tatuado certamente no melhor de suas saudades, sobre o que, vale lembrar quão feliz foi Ataulfo Alves, dizendo-nos nos seus “Meus Tempos de Criança”: “Eu era feliz e não sabia”, quando vivia no seu Mirai.

Mas não fica completo, dentro do que antecede, o belo mundo de nossas brincadeiras no Cerrado baiano, em particular nos espaços que passaram ser tão nossos em Formosa do Rio Preto, cedidos, com tamanha generosidade, pela encantadora natureza.

Quem não se lembra, no curso de nossas brincadeiras, do Pau de Sebo, do milho e da batata doce assados nas brasas da Fogueira das inesquecíveis Noites de São João? Quem não se lembra, ainda, da alegria da criança, que, ávida pela queda da Fogueira, vencida pelo fogo, caía aos seus pés, sobre a qual se lançava, num salve-se quem puder, para pegar os cobiçados brinquedos?

Ah! Quão bom se eu pudesse voltar à minha adolescência, para ouvir novamente os maviosos cantos dos pássaros dos Cerrados, mas,

também, o canto das seriemas, quanto do grasnar dos marrecos, em festa, nas grandes enchentes do rio, formando belas lagoas, para alegria de todos eles!

Que levantemos, em meio às nossas saudades, um brinde às encantadoras Brincadeiras dos Cerrados, que não se limitavam apenas às aqui vividas e revividas, porém a tantas outras brincadeiras, que guardamos no melhor de nossas reminiscências...

Cata Caju

Franco Porto

Lá estávamos nós, família completa e mais dois vizinhos dentro do nosso carro, um Ford Del Rey movido a álcool, subindo a íngreme “Serra do Aeroporto”. O carro falha algumas vezes bem no meio da grande ladeira, parecia que não daria conta de chegar ao destino, o que deixava um grande suspense e até um pouco de medo no ar. Minha irmã e eu, as crianças do grupo, ficávamos na torcida para que o nosso possante conseguisse subir, cumprir sua missão e nos levar ao topo da bendita serra.

Com muita luta, o carro venceu o desafio e conseguimos chegar ao local desejado. Estacionamos ao lado da estrada, local em que dava pra ver a entrada do aeroporto da cidade. Ao descer do veículo, foi possível sentir o vento fresco acariciando nossos rostos e a sensação de liberdade que a natureza sempre proporciona.

Minha mãe foi logo preparar os materiais necessários para nossa brincadeira. Ela era bem precavida, então, a primeira coisa a ser feita era vestir uma camiseta bem velha em mim e na minha irmã. Colocar em todos um chapéu ou um boné e calçar os tênis ou as botas. Por fim, cada integrante do grupo recebeu um balde proporcional ao seu tamanho. As duplas foram divididas e, partiu Cerrado!

Eu fazia dupla com minha mãe. Minha irmã ia com meu pai. E o casal de vizinhos formava a terceira dupla. Já deu pra imaginar qual seria a brincadeira, né? Isso mesmo, estávamos prontos para brincar de “cata caju” na mata, então preservada, do entorno do aeroporto. Pense numa brincadeira divertida, andar livre pela vasta vegetação, cada dupla para um lado, com atenção para, primeiramente, poder observar os pés de caju ou cajuí carregados. Era tão bom quando avistávamos, mesmo longe, um pé carregado de frutos vermelhinhos ou amarelinhos!

Depois, era preciso buscar a melhor estratégia para chegar perto das árvores carregadas, ao mesmo tempo em que era preciso prestar atenção para não se perder no Cerrado, pois era preciso voltar ao local onde havíamos deixado o carro. Para coletar os cajus, às vezes era necessário superar obstáculos como uma vegetação mais fechada ou mesmo alguma cerca de arame.

No percurso e mesmo ao chegar perto dos cajueiros, era preciso certo foco, já que era bom se certificar por onde a gente estava passando para evitar pisar num formigueiro ou mesmo numa cobra, ou então atçar uma casa de maribondos ou um enxame de abelhas. Era necessário evitar os acidentes. Estando tudo nos conformes, partíamos para catar os cajus.

A maioria das árvores permitia coletar os frutos do chão mesmo, seja pegando direto da árvore ou então catando os cajus caídos. Em alguns poucos cajueiros, era necessário algum tipo de escalada para poder subir alto e buscar um ou outro caju ou então improvisar uma velha e boa vara para poder retirar um caju lá do topo. Tentar acertar o fruto desejado com alguma pedra também era válido. Quando as galhas eram finas, bastava balançar forte que ocorria uma chuva de cajus.

Claro que havia competição, a dupla que enchesse primeiro os seus baldes soltava um grito de comemoração. Às vezes, havia tanto caju que a dupla pegava novos baldes vazios e reiniciava a coleta, ficando com um ou dois baldes de vantagem em relação aos demais competidores. Eu gostava mesmo era da disputa de quem comia mais caju. Nisso eu era bom, sempre me destaquei. Era um caju no balde e dois na boca, até porque o cajuzinho do Cerrado é pequeno, azedinho e muito saboroso. Minha mãe, sempre atenta, reclamava: vai passar mal de tanto comer caju.

Eu nem ligava, afinal, sabia que o caju é uma fruta que só faz bem, contém vitamina C e propriedades anti-inflamatórias. E quando o nosso vizinho me explicou que alguns raizeiros do nosso Cerrado atribuem ao caju um poder curativo e até protetor, foi aí que eu passei a jogar um caju no balde e cinco pra dentro. É por isso que a roupa para brincar de “cata caju” deve ser velha, pois ao comer o fruto, o sumo do caju pode cair na roupa e deixar uma nódoa escura que a torna quase inutilizada.

Uma brincadeira é geralmente uma atividade lúdica para entreter, distrair e divertir, que pode ajudar no desenvolvimento de habilidades motoras, sociais, afetivas, cognitivas e emocionais. Além disso, exercita a criatividade e a imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem aprender, construir, explorar, pensar e expor sentimentos, entre outras possibilidades. Assim, o “cata caju” pode ser considerado, pelo menos dentro da perspectiva que apresento neste conto, uma brincadeira.

Seria um livre brincar no Cerrado, em que as conexões com ele se tornam encantadoras, pois cria vínculos com a natureza e enaltece o sentimento de pertencimento junto ao ambiente em que se está inserido. As percepções sobre a vegetação, os animais, o clima, as cores dos frutos, o relevo, entre tantas outras possibilidades, faziam a gente perceber o Cerrado se divertindo.

Era uma verdadeira imersão no Cerrado, espaço em que habitamos, sem falar nas lembranças boas de um vínculo familiar a partir dessa atividade coletiva. Claro que essas questões só se tornaram mais evidentes hoje em dia, com a maturidade, mas como é bom recordar esses momentos mais uma vez e poder refletir sobre a importância deles para minha criança e, consequentemente, para minha vida.

Nesse dia específico, eu e minha mãe ganhamos de lavada o “cata caju”. Enchemos três baldes do maravilhoso fruto e ainda ficamos esperando por um bom tempo as outras duplas terminarem suas coletas. Na espera, degustávamos os cajus e apreciávamos a paisagem. Lembro-me de outras vezes em que saí com familiares e amigos para o “cata caju”, mas esse dia na “Serra do Aeroporto” ficou vivo na lembrança. Talvez seja também pelo fato de ter visto e apreciado, pela primeira vez, a minha cidade do alto da serra ao passarmos por um mirante.

Fizemos aquela farra como dupla vencedora, embora todos ali sássem ganhando. Depois do “cata caju”, foi hora de retornar para casa. A volta era menos tensa, pois como dizem: pra baixo, todo santo ajuda. A única preocupação era com os freios do nosso Del Rey ao descer aquela baita serra. Ao chegar em casa, minha mãe pegou parte dos frutos coletados e foi logo preparando um doce. Alguns cajus foram guardados para

consumo in natura, outros foram congelados, considerando que, após um “cata caju”, teríamos pelo menos um mês tomando suco de caju no almoço, no lanche e no jantar.

Já meu pai foi ao quintal e preparou uma fogueira para assar as castanhas do caju. Isso também era marcante, seja pelo cheiro forte característico do procedimento, seja pelas interações que o momento gerava, especialmente para nós crianças que adorávamos ficar remexendo o fogo, ou até mesmo pelas queimaduras na pele que o contato com a castanha ocasionava de vez em quando. Comer as castanhas era uma das melhores partes.

O “cata caju” é isso, uma brincadeira em torno do cajueiro e do seu fruto de cores vibrantes e de sabor único. O caju é fonte de inspiração artística como nas lindas pinturas que representam essa fruta, a exemplo do artista plástico Randesmar, de Barreiras (BA), que se autodenomina “o pintor dos cajus”. Isso sem falar nas poesias e nas músicas em torno desse fruto. Seja o caju, o cajuzinho ou o cajuí, esses frutos têm história e são importantes objetos culturais dos Cerrados, ligados a memórias de crianças e adultos ou mesmo a tradições familiares. Então, quando você tiver oportunidade, cata caju!

Doce Infância

Ana Cinthia Passos Moreira Bastos

“A turma reunida... Atenção! Vamos passar, cada um bem ansioso e o anel cairá. Os olhos bem atentos na mão de quem vai receber, cada um bem preparado para o anel ter...” (Ciranda Cirandinha).

Ah! Quantas tardes e noites na calçada! E uma das brincadeiras era “Passar o Anel”. Brincávamos que o tempo se perdia. Era mais uma das brincadeiras que, se deixassem, virávamos a noite! Os olhos atentos, a percepção, estratégias de quem não recebia o anel e a inteligência de quem o recebia, para ninguém desconfiar e tentar adivinhar. Quantas vezes, já adulta, brinquei com minha filha de “Passar o Anel”, justamente para ver a alegria dela e os olhinhos gritando de prazer ao encontrar o anelzinho. O que foi bom deveria durar eternamente!

Naquela época, como assim somos acostumados a dizer sobre os bons tempos de outrora, as brincadeiras aguçavam nossos instintos, a gente dançava, cantava, rimava e tudo era motivo de folia.

Lembro-me como hoje, D. Nailde ou Vó Nailde, era assim que, carinhosamente, todos a chamavam, cedia sua chácara para a turma da rua brincar. Eram tantas árvores, com sombras deliciosas, que a gente ficava indeciso sobre qual a brincadeira que aconteceria naquele fim de semana. Sim, uma chácara em meio às casas, cheia de frutas, areia e muito amor. Que infância feliz nós tivemos!

Passávamos a semana nos preparando para os dias mais fabulosos, cada menina tinha a sua casinha de boneca, com móveis e roupas, objetos que muitas vezes, ou na maioria das vezes, nós quem fazíamos. A Vó Nailde costurava e sobravam tantos retalhos que ela nos dava para a confecção dos vestidos. Cada uma costurava as suas roupinhas e decorava suas casinhas. Eram horas e horas de afinco, cuidado e zelo. A gente se cuidava, se amava e se protegia, eu sinto isso até hoje! Os resquícios daquela doce

infância perduraram até os dias atuais, a gente não se vê ou conversa constantemente, mas o sentimento ficou...

Observando algumas fotos, lembrando daqueles maravilhosos momentos, veio à memória a brincadeira de baleado! Os joelhos já não tinham mais espaços para machucados, a gente dava “o sangue” por aquela brincadeira. Eram duas equipes e cada uma precisava defender seus integrantes e ter uma boa mira para acertar o adversário. Quando a brincadeira era na rua, em frente à chácara Pai João, em meio às ambulâncias que passavam para levar os enfermos ao hospital, a brincadeira acontecia dentro da chácara. À noite, preferíamos ficar na rua, brincávamos de baleado, salve latinha, esconde-esconde, pique-esconde ou ouvíamos as histórias da turma mais velha ou admirávamos eles tocando violão e cantando.

Hoje tenho certeza de que nossos joelhos são tão ágeis e fortes, devido às Amarelinhas que tanto pulávamos, das brincadeiras de elástico que fazíamos e que a cada pulo dado, era uma superação. Sim, parecia um esporte olímpico, em que o querer e o gosto superavam as expectativas. Nas férias de verão, quando viajavamos para o Ceará, e passávamos por lá trinta dias, a saudade da Rua do Hospital era tão grande, que a gente contava nos dedos os dias para voltar.

Não tínhamos medo de subir numa árvore, chupar uma fruta lá mesmo e saborear o gosto de cada estação. E os banhos de chuva intensos, carregados de sorrisos, satisfação e amizade, correndo de uma ponta a outra da rua, como se fosse infinito. Sim, nós tivemos uma infância feliz! Tão feliz quanto o gosto do doce de caju do mês de setembro ou da seriguela do mês de dezembro que ainda vivem aqui. Na memória fresca, ainda estão as risadas, o jeito e o olhar de cada um.

Eu nunca tinha ido a um velório! fomos pegos de surpresa com a notícia da morte do Seu João. A nossa rua ficou em silêncio, um vazio tomou conta dos nossos corações. Ele era como se fosse nosso avô e o considerávamos demais. Aquela chácara feliz, de repente ficou tão grande, que a gente se perdia em pensamentos. Foi aí que a turma se uniu cada vez

mais, a sensação que tínhamos era justamente essa: uma grande família. A família da Rua do Hospital.

O tempo foi passando, a meninada crescendo e as brincadeiras iam se modificando...as Adedonhas e Caí no Poço (ha ha ha). Na verdade, essa última era a mais esperada daquele momento. Era uma vergonha misturada com “tomara que chegue logo à noite” para a tal brincadeira! Com os olhos vendados, quem conduzia o divertimento perguntava: Quem você escolhe?

– Meu bem! É esse? É esse?

– Pera, uva, maçã ou salada mista? Ri alto aqui...

Era uma euforia, gargalhadas, que se misturavam a um medinho, que se juntavam a um gostinho de quero mais e se estendiam... Soubemos aproveitar cada fase!

Quantas recordações memoráveis nós temos, vivemos lindas histórias e passaríamos horas e horas contando. A nossa doce infância teve cheiro de manga, caju, goiaba, daquela bela chácara que nos acolheu. Os gritos do Seu João quando mexíamos nas mangas dos pés que ele tinha maior admiração, o cheiro da farofa de manteiga da Vó Nailde ainda está na minha memória...As nossas festinhas, os festejos juninos, os aniversários de cada um e das bonecas. Não há internet, Play Station, slymes ou patinetes que superem tamanha felicidade! A nossa “doce infância”, na Chácara Pai João, ficará para sempre em nossos corações.

Encantos da Roda

Brígida Neta de Freitas

Da janela, uma voz suave e encantadora deságua na rua. Atravessa o tempo em sua memória, pesca pedras preciosas das brincadeiras de sua meninice. Assim, Dona Filó, mulher forte, corajosa e bem resolvida, bate o pé no chão e rompe com o silêncio noturno da rua do Barro Vermelho.

Descortina-se as lembranças. Ativa o sentimento de pertencimento e lança mão da alegria, o que ora tem alimentado seu espírito leve e encantador. O tempo passou. E muitos ventos sacudiram a poeira, porém, não arrancaram as melodias que mantém viva as lembranças na alma de Dona Filó.

É noite de lua cheia e na rua do Barro Vermelho, o céu desponta rajado de estrelas. Dona Filó se apressa para aproveitar os encantos das cantigas de roda, porém, o vento assobiava e uma nuvem de pó avermelhada varria a rua e sacudia os cabelos da meninada, que uma a uma ia se achegando com olhos brilhantes, peito aberto e muito gracejo.

Em instantes, a roda estava feita e a cantoria ecoava nas ruas de baixo e na rua de cima. Toda meninada se assanhava e num alvoroço, gritava por Dona Filó, que logo tratava de mandar embora toda tristeza daquele lugar.

Aos primeiros sinais do cair da noite, na rua do Barro Vermelho, a lua acenava pedindo licença ao céu para bordar as cantigas ancestrais. Ali mesmo no meio da rua, Dona Filó logo aparecia com sua saia rodada de sete babados e um laço de fita no cabelo.

O vento soprava e as cantigas ecoavam no coração da meninada, que contagiava umas às outras a darem as mãos e a magia acontecia. Era muita energia compartilhada! O calor das mãos aquecia o peito e o pulsar do

coração transbordava em samba. Os pés saltitavam e todo o corpo remexia como folhas ao vento em noites de outono.

Na grande roda, Dona Filó soltava versos e desafiava a garotada a declamar para conquistar o coração do seu par.

Dona Filó saltitava, convidando Pai Francisco, a entrar na roda juntamente com ele o seu violão, do jeito franciscano, botava a meninada para requebrar.

Maria Anita, com seus olhos de jabuticaba, não ficou para trás, entrava na roda como bailarina levantando os braços e sacudindo a saia, mas ela queria mesmo era me dar um abraço.

A cada noite de lua cheia, a rua do Barro Vermelho transformava-se em rua dos brilhantes só para o meu amor passar.

Se é para aquecer a alma, Dona Filó chamava logo o Senhor João, que acendia a fogueira, iluminava o terreiro e convidava Oió e Aiá para dançar e pular a fogueira.

Dona Filó anunciava que a noite era uma criança e para perfumar o terreiro, trazia um punhado de alecrim dourado que espalhava aos quatro cantos da rua, dando esperança até para as encalhadas, pois Terezinha de Jesus, mesmo caindo, levantou-se e sorridente disse ao noivo eu te dou meu coração.

E quem disse que Dona Filó tinha medo de ficar na solidão! Ela mesma entrou na roda e soltou versos, dizendo que tinha sete namorados, mas que não casava com nenhum.

Já havia um bom tempo que nas rodas de Dona Filó, o vento não trazia o perfume das rosas e do cravo. Por esta razão, Dona Filó contratou um seresteiro, o cravo se achegou para espiar e, logo as pazes, com a rosa veio comemorar, porque iam se casar.

Do Ceará ao Tororó, Dona Filó não se esquecia, logo aquecia a alma, soltava a voz e contagiava a todos.

Inesperadamente, o mestre Juquinha apareceu na roda e com sua coreografia caliente cativou D. Filó, que logo caiu em seus braços e um belo par fizeram. Pois quem desejava aprender dançar e arrancar aplausos da plateia, precisava aprender com o mestre Juquinha.

Nas noites juninas quem disse que Antônio, João e Pedro dormiam! Caiam na folia, rodopiavam e até batizados e casamentos faziam. Os guerreiros da noite saiam ziguezagueando para apanhar os tesouros pendurados na fogueira. Não importava se laranja verde, madura, se tinha limão, cana, jacarandá ou uma notinha de réis.

Olha quem chegou, o senhor camaleão com seu cachimbo de ouro para a roda fortalecer, pois ninguém segura esse moço.

Dona Filó não gosta de fofoca, mas dizem por aí que o sapo não lava o pé, mas porque será? E o peixe vive fora da água fria, o que aconteceu?

Para fechar à noite, Dona Filó desencantava e transformava-se em rica de marré-marré, pois viver tudo isso foi o que engrandeceu sua alma e a coroou como a deusa das cantigas de roda.

E, até hoje, na rua do Barro Vermelho, Dona Filó continua na porta sonhando com as cantigas, o giro das rodas que ecoam na memória da meninada.

E para você, qual é a cantiga de roda que acalenta sua alma?

Férias no Cerrado

Miriam Hermes

Das lembranças da infância Ana guarda com carinho a primeira vez que viajou com a vó Marina para passar férias na fazenda Riachinho, lá no Cerrado. Foi uma experiência marcante que ainda lembra com riqueza de detalhes, como o momento da piabinha, que ela tinha esperado por muito tempo, o passeio de domingo e a peripécia no final. Estava ansiosa para viver aquela aventura com os primos, Renata e Diego, filhos do tio Luís e também netos da vó Marina. Ana não conhecia a fazenda, mas sabia que lá tinha roça, galinhas, cabras e vacas. Mas nada seduzia mais seus pensamentos do que saber que tinha um rio pequeno em que poderiam banhar-se todos os dias.

Há pouco tempo tinha chegado da capital para passar as férias com a avó no interior, surgindo a oportunidade de acompanharem o tio Luís até a fazenda onde ele cultivava diferentes produtos, como mandioca, milho e muitas frutas. Com sete anos, era esperta e tinha visto algumas fotos do rio, da cachoeirinha, das lavouras, da casa rodeada de grama, flores e árvores.

Não seria nada parecido com um apartamento, rodeado de prédios, com seus parquinhos e piscinas cloradas. Gostava de morar com sua mãe na cidade grande, onde ela trabalhava como executiva. Mas imaginava que seria muito bom poder morar eternamente em um lugar rodeado pela natureza.

Depois de quatro horas rodando no carro, de longe, Renata e Diego viram a caixa-d'água da Riachinho e anunciaram para a prima que estavam perto. Ela mirou algo azul e branco na paisagem e essa foi sua primeira visagem de encantamento. Quando finalmente chegaram, já era quase meio dia e a fome corroía suas barriguinhas. Comeram com muito gosto e apetite. Na fazenda era costume todos deitarem depois do almoço. Essa foi

outra novidade para a pequena, que agora só pensava em ver o rio, as piabinhas, a cachoeira e tudo mais. Mas foi deitar com os primos.

Quando, por fim, as crianças foram chamadas pela avó, deram de cara com outro trio: Márcia, Murilo e Manduca, filhos de funcionários da fazenda, nativos da região. As crianças de treze, onze e sete anos, também cresceram entre a fazenda e a comunidade tradicional Três Riachos, situada a alguns quilômetros abaixo dali.

A incumbência de Márcia e Murilo, os mais velhos do grupinho, foi acompanhar e cuidar dos demais. Mostrar os lugares em que poderiam brincar, onde é perigoso e por isso, proibido. Também tiveram autorização para banhar no ‘Pocinho do Jatobá’, uma pequena piscina natural rodeada de buritis, próximo de um pé de jatobá, que eram vislumbrados de longe na paisagem.

Murilo levou uma peneira. Ana viu, mas não teve tempo de perguntar o que ele faria com isso. No percurso, enquanto passavam próximo dos galpões onde os produtos da roça eram selecionados e embalados, Márcia respondia às perguntas sobre os mais diversos assuntos pertinentes às coisas daquele lugar. Depois de deixarem os galpões, o pomar e a horta cercada para trás, passaram ao lado da caixa-d’água, aquela que Ana tinha visto de longe. Era alta, de metal, pintada de azul e branco e tinha ao lado uma escadinha até lá em cima. A novata perguntou se alguma das crianças já tinha subido e o que dava para ver lá de cima. Rapidamente, lhe responderam que era um dos lugares proibidos, pois era perigoso. Ana ficou um pouco pensativa, mas tinha muito para ver. Seguiu tagarelando sobre outras coisas, enquanto se dirigiam a uma trilha curta. Logo estariam no Pocinho.

Era raso, com pequenos peixinhos e água cristalina, com fundo de areia e pequenas pedras arredondadas, o que lembrou à menina um aquário. O pocinho era o lugar preferido dos primos quando vinham para a fazenda e se juntavam ao trio local. Enfim, pensou Ana que estava com um pensamento fixo: “vou engolir uma piabinha”. Todos ali já tinham passado por este rito para aprender a nadar e agora seria a sua vez. As crianças pularam de vez na água, espantando os peixinhos. Toda aquela algazarra

também assustou o bando de periquitos que se deliciava nos cachos dos buritizeiros.

Tudo era novo e espetacular. Aquelas aves verdinhas faziam uma barulheira, que Ana ainda ouviria muito naqueles dias. Queria pegar um daqueles peixinhos, mas eram rápidos e ela não tinha êxito. Foi então que o Murilo pegou um fruto do jatobá ali perto e rachou sua casca. Dentro tinham umas sementes, rodeadas de uma espécie de farinha.

A menina acompanhava o movimento com curiosidade. Murilo segurou a peneira, colocou as sementes e a 'farinha' neste recipiente de fibras naturais e foi lentamente para o pocinho. Com cuidado ajoelhou-se deixando a água entrar. O grupinho observava a manobra do lado de fora.

Ana quase perdeu o fôlego quando percebeu um cardume dos minúsculos peixes se aproximar e chegar na comida que estava flutuando. De repente Murilo fez um movimento brusco para cima com a peneira, e dentro dela vieram vários peixinhos. Márcia se aproximou e pegou um deles com cuidado. Estendeu para Ana, que deveria abrir a boca e deixar o bichinho deslizar garganta abaixo. Esse era um dos momentos esperados por ela. Segurou o peixinho e por um instante ficou em dúvida se conseguiria. Todos disseram que era fácil e rápido. Com coragem abriu a boca, e soltou o animalzinho que desceu pela garganta se remexendo. Engoliu com os olhos esbugalhados e pulou na água. Tinham dito que com isso ela ficaria com toda a esperteza dele para nadar e mergulhar.

Os demais peixinhos foram devolvidos ao pocinho. Ainda brincaram por um bom tempo, até ouvirem ao longe a voz da avó Marina chamando de volta. A senhora aguardava ao lado da caixa d'água, apressando as crianças para lanchar uma panelada de pequi cozido na água. Imitando os demais, Ana também quis rapadura e uma vasilha com farinha de mandioca, e roeu vários carochos.

Depois do lanche saíram para o lado das lavouras para a menina ver de perto a plantação e os animais. Funcionários estavam na lida cuidando das vacas leiteiras, distribuindo a ração e recolhendo a bicharada para seus locais de pouso. Tudo tinha que ser bem fechado para que lobos-guará e

onças não entrassem à noite para comer a criação. Isso chamou a atenção de Ana, que arregalou os olhos e botou as mãos sobre o coração.

– Como assim? Aqui tem onça e lobo mau? Eles vêm aqui de dia também? Fiquei com medo. Eles moram na floresta e chegam aqui?”.

Ficou mais tranquila quando destacaram que era muito raro, mas que nunca vinham durante o dia. Porém, por precaução, não deveria se afastar sozinha da casa. No retorno Ana andou com pressa. Temia que a noite chegasse de repente.

Estavam nas férias de verão e todo o grupo só tinha uma missão: brincar o máximo possível. Nos dias seguintes Ana foi perdendo o medo de ataque de onça ou lobo e passou a pensar no dia que iriam conhecer a cachoeira Calíandra, lá no grande rio. Finalmente, chegou o domingo e o tio estava de folga. Iriam fazer um piquenique perto da cachoeira e de tarde passariam na comunidade, para Ana conhecer os avós e outros primos dos seus novos amigos. Foi o dia mais intenso de todo aquele passeio surreal e que seria inesquecível nos anos seguintes.

O caminho era desafiador, pois tinham muitos areões, buracos e pedras, mas todos estavam com cintos de segurança e o tio era bom motorista. Viram flores de calíandra, conhecida como a flor do cerrado. Também pássaros, pequizeiros, e até uma ema com os filhotes. Ficou fascinada.

Logo chegaram na cachoeira e a avó disse que as crianças deveriam ter cuidado pois o rio era bem maior e tinha correnteza. Antes de comer todos caíram na espécie de lagoinha que formava logo abaixo da queda d'água. O tio e a avó orientando as crianças de perto. Até a fome falar mais alto e todos saírem para comer. Já era hora de seguir viagem até o vilarejo, onde Márcia, Murilo e Manduca já estavam com seus pais, visitando os parentes. Enquanto os adultos conversavam na sombra de um pequizeiro, as crianças brincaram de esconder.

Depois de um tempo, Márcia sugeriu que fossem catar cajuzinhos, pois tinham vários pés perto dali e seria uma brincadeira gostosa. Pegaram uma cesta e ouviram muitas recomendações dos adultos, antes de sair por uma trilha. Novamente Ana estava se sentindo uma aventureira. Ela foi

alertada que não deveria morder a castanha do cajuí, pois poderia sair um óleo que queima a pele e provoca feridas nos lábios.

Logo chegaram nos primeiros cajuzeiros nativos. Tinham frutos amarelos e vermelhos, pequenos e muito cheirosos. As crianças podiam comer quantos quisessem. O restante, levariam. Depois de se lambuzarem até os cabelos e encherem a cesta, pegaram o caminho de volta. Foram recebidos com cheiro de café, beiju com manteiga e milho verde cozido. Apesar dos cajus devorados há pouco, aceitaram o lanche com muito gosto.

No retorno as crianças ficaram sabendo que as férias estavam acabando e voltariam para a cidade. Embora tristes, os três descansaram depois de saber que teriam mais um dia para brincar. Ana tinha um desejo, mas guardou segredo. Na segunda-feira depois do almoço e todos se recolherem para descansar nos quartos, Ana disse aos primos que precisava ir ao banheiro e não voltou. Logo resolveram procurá-la, pois pensaram que estivesse com a avó, mas descobriram que não. Ninguém por ali sabia dela. Onde teria ido? Ainda mais que tinha aquele medinho de onça e lobo. Não poderia ter ido longe.

Ela ainda estava ofegante quando começou ouvir a avó, o tio e demais pessoas chamando seu nome. Tinha desobedecido, estava ciente. Mas valera a pena, pensou, apreciando a paisagem e procurando avistar alguma onça ou lobo. Podia ser perigoso, mas era linda a paisagem que estava deslumbrando.

Viu quando a avó se aproximou pelo caminho que levava ao pocinho, chegando perto da caixa d'água. Chamou pela neta, que respondeu sem demora. “Estou aqui vovó. Vem ver como é lindo. Dá para ver bem longe!!”. Ao ouvir isso a senhora olhou para cima e viu a neta sentada no degrau mais alto da escadinha. A menina parecia muito bem, mas a avó sentiu medo da criança cair. “Desce logo daí. Segura bem, criatura”, gritou apavorada.

Ao ouvir a mãe gritando, Luís correu e viu a idosa olhando para o alto. Logo imaginou o que estava acontecendo ao lembrar que mais de uma vez a sobrinha tinha feito perguntas sobre o que ela poderia ver lá de cima. Chegando mais perto, viu Ana começando a descer. Sentiu um frio na barriga, mas percebeu que ela parecia segura e sem um pingo de medo.

Marina se encostou no filho, com a mão no peito, enquanto Ana se aproximava do solo. “Jamais repita isso. Pode ser perigoso. Se acaso você caísse, como seria? Já pensou? Estamos longe de hospital e de uma ambulância”, falou a avó nervosa, enquanto os três se dirigiam de volta à casa.

Os demais ouviram as conversas vindas daquele lado da propriedade e foram ao encontro do trio. Ana com uma cara muito sapeca, seguia abraçada entre a avó e seu tio, que também explicou que aquele local representava perigo de vida. Não deveria subir, pelo seu próprio bem. Mas ele pensaria na possibilidade de fazer um local alto, tipo uma torre para observação, mais segura. No dia seguinte saíram cedo. Ana foi se despedindo da paisagem. Ficou olhando para trás, para ver ao longe a caixa d’água.

Voltaria mais vezes. Mas essa foi a mais marcante por todas as descobertas. Dentro dela tinha um sentimento duplo. De um lado tudo de bom ali vivido com os familiares e amiguinhos. Por outro lado, uma saudade da mãe que também aumentava. Logo estaria em seus braços. Sim, retornaria para esse lugar deslumbrante. Voltaria com a mãe e subiriam na torre projetada pelo tio para ver a natureza lá de cima.

Jassanara no País das Riquezas do Cerrado

Daniella Taveira dos Prazeres

Em uma manhã de setembro, um domingo ensolarado, eu, papai e mamãe acordamos cedo para organizar o que precisávamos levar para a chácara no Rio de Ondas. Esse, era um dos meus passeios favoritos nos fins de semana. Durante o trajeto, eu já brincava no carro imaginando formas no céu azul de nuvens doidas, que pareciam cachorro, árvore, baleia, pássaro e eu dizia:

– Mamãe, olha aquela nuvem de algodão doce!

– Sim, Jassanara.

Ela confirmava cada figura que eu desenhara na tela perfeita do horizonte. Este é o meu nome, Jassanara, de origem indígena e derivado de um termo que pode significar “lugar dos juás”, mas que, simbolicamente, passou a ser substantivo próprio para se referir às mulheres independentes, versáteis, com muita garra e espírito de liderança.

Comecei a explorar a chácara e, coincidentemente, avistei uma árvore cheia de frutinhas arredondadas, cujos tons misturavam as cores verde, amarelo e laranja. Elas cabiam na palma da mão. Perguntei ao papai que frutas eram aquelas, mas ele não soube definir, pois era migrante da região Sul do Brasil. Então, prontamente, mamãe, que é baiana, pegou alguns frutos e disse:

– Estes são juás, frutinhas de uma árvore presente no Cerrado chamada Juazeiro.

Que legal, eu pensei. Aqueles frutos, aquela árvore eram parte da origem da minha identidade, do meu nome. Decidi alterar meu roteiro de brincadeiras e, ao invés de banhar no Rio de Ondas, resolvi brincar primeiro de comidinha. Então, organizei algumas bonecas que levei para o passeio e fiz receitas deliciosas com areia, juá e folhas.

De repente, uma ventania forte aconteceu, formando um pequeno redemoinho e, ao abrir os olhos, que fechei para evitar a poeira, percebi

que uma árvore tinha o tronco brilhante: o buriti estava com uma forte luz saindo do centro dele. Resolvi me aproximar e comecei a ouvir risos e vozes de crianças brincando. Elas falavam: Amarelinha, Elástico, Baleado, Dono da rua, Cirandinha e etc.

A princípio tive receio, foi quando uma das vozes disse:

– Venha, Pita! Não tenha medo! Sou Daniella, criança assim como você.

Ao tocar a árvore, fui teletransportada para um lugar maravilhoso, eram tantas cores de flores de ipês, ruas calçadas com tijolos, casas de taipa simples e muitas crianças correndo e brincando felizes.

– Aqui, temos apelidos. Bem-vinda, Pita! Esse é o seu apelido. Vamos brincar? Respondeu a menina dona da voz que havia feito o convite.

Nos unimos a outras duas crianças, irmãs gêmeas, chamadas Janaina e Janaiana, que coincidência, eu disse, seus nomes começam com a letra J como o meu. Foi incrível, brincamos de pega-pega, esconde-esconde, cantamos ciranda cirandinha na brincadeira de roda. E depois, pude escolher uma das minhas favoritas: a amarelinha. Com o galho de uma árvore desenhamos, no chão que tinha parte de terra, os retângulos e usamos pedras e frutinhas que estavam ali perto para brincar.

Que dia maravilhoso! Agora éramos quatro amigas, curtindo as riquezas, naquele lugar mágico, que mais parecia um país repleto de tudo que é lindo e que existe nos Cerrados deste fabuloso Brasil.

Inesperadamente, comecei a ouvir um eco da voz de mamãe, um distante sussurro e ao respondê-la, senti meu corpo flutuar sobre as nuvens doidas do céu, então confirmei minha teoria:

– Sim, é possível tocar e caminhar sobre as nuvens! Uma sensação de plenitude e leveza tomaram conta da minha mente. Fiz a promessa de voltar sempre que pudesse para brincar com minhas amigas, jamais irei esquecer aquele momento, e sonhava acordada com os dias futuros que teríamos para contemplar a inocência e o prazer de desfrutar de brincadeiras tão simples e magníficas ao mesmo tempo. Foi aquele tipo de felicidade real que em minha memória jamais será desfeita. Assim,

combinamos que mesmo adultas estaríamos sempre juntas e não deixaríamos de brincar.

A luz e a árvore de buriti reapareceram lentamente, foi quando percebi que estava deitada próxima às bonecas e comidinhas. Eu sonhei? Eu dormi? Enfim, acordei? Não fico pensando muito nisso hoje, porque foi tudo tão real, mas a infância passa tão rápido, como o piscar de olhos durante um breve cochilo. Por isso, defendo a tese de que a fase da contemplação do brincar, de criar mundos, personagens e sonhar acordada em meio a tantas obrigações deveria demorar muito mais.

Foram dias tão auspiciosos e fins de semana tão repletos de encantamento. Catar pedras no Rio de Ondas, escolher as mais bonitas para brincar e colecionar, misturar as variações de tons da natureza das folhas, das flores e do barro.

Eu posso hoje dizer que contemplei o juá, a ciriguela, a manga e tantas frutas em cada estação, bem como, as doces nuvens de algodão e tudo era tão imenso e grande aos meus olhos, que vivi a minha infância em um lugar chamado: O País das Riquezas do Cerrado. Meus dias eram assim: um dia a árvore brilhava, animais respondiam com palavras, bonecas ganhavam vida, e pedras do Rio de Ondas eram diamantes raros. Riquezas verdadeiras no sentido de ser e viver em harmonia com a natureza e com a infância jamais esquecidas.

Memórias de um Brincar Infantil

Eva da Silva Pais

Em tempos de tecnologia ao alcance de crianças de todas as idades, sinto que jamais terão o prazer de viver a infância em sua plenitude. Saudável, sem maldade, sem correr riscos, simples tão quanto os brinquedos e valiosa em emoções e sentimentos, como a que vivi no final da década de 80.

Bairro novo, Jardim Ouro Branco. Poucos moradores, ruas estreitas de chão batido, vegetação nativa nos arredores das casas. Não tinha energia nem água encanada. A rotina era ir pra escola, depois carregar água na cabeça. À noite, apreciar a lua e as estrelas, ouvir o canto dos grilos, ir pra casa do vizinho escutar histórias de assombração.

Pensávamos, como ser feliz nessa realidade? O que fazer enquanto o desenvolvimento não chega?

Na época, éramos cinco irmãos. Sendo quatro meninas. No turno oposto ao da escola, a brincadeira era com boneca de pano, carrinho de rolimã, bola de gude, baladeira e uma competição para descobrir os piolhos de urubu. Já ouviu falar desse inseto? A metodologia era soprar os buraquinhos - preparados por eles para pegar suas presas – em determinado tempo de contagem; o ganhador era aquele que expulsasse o maior número de piolhos de seu habitat. E assim, nosso corpo ficava todo sujo de terra, pulmões testados, coração acelerado. Hora de tomar banho e descansar um pouco.

Fomos crescendo e novas brincadeiras chegavam, junto com a vizinhança. Ao entardecer, brincávamos de bandeirinha, de roda, de esconde-esconde e salve latinha. Por fim, já na adolescência, adorávamos brincar de “caí no poço”. Eita, como era bom! A dinâmica era fazer uma fila de meninos e outra de meninas. Iniciava a brincadeira cobrindo os olhos de um participante que dizia:

– Caí no poço!

A pessoa auxiliar perguntava:

– Quem lhe acode? Aquele? Aquela?

Enfim, até chegar naquele (a) que haviam combinado. A pergunta continuava:

– Pera, uva, maçã ou salada mista?

Dependendo da escolha, a pessoa dava um aperto de mão, um abraço ou um beijo no rosto ou na boca do (a) indicado (a). Tudo isso acontecia de forma prazerosa, leve, principalmente em noite de lua nova. Era muita risada!

São tantas memórias! Certa vez, para aproveitar as árvores tortas do cerrado, que tinha no lote vizinho, minhas irmãs armaram uma rede feita com saco de linha e balançamos a valer. Chegando a minha vez, pedi para não balançar forte, por medo de altura e de queda, não deu outra. Cai! Bati as costas em um toco que ficava bem embaixo da rede. Fiquei sem fala, com os olhos esbugalhados. Elas correram e pegaram água para me tirar daquela situação. Após alguns tapas e chamamentos, voltei a sorrir.

Hoje, descrevendo essas memórias, sinto melodiosa saudade do meu tempo de criança, com cheirinho de terra molhada à espera da enxurrada para brincar de barquinho de papel e tomar um gostoso banho de chuva.

O Cerrado Brinca e Acolhe

Celso Lacerda

Do alto do barranco, via-se uma planície. A água cristalina minava de uma rocha gigante, enfeitada com ervas e trepadeiras, e com um barulho suave. Corria ladeira abaixo e na sua borda a gramínea floria nas variadas cores, as borboletas, as abelhas, os besouros bailavam sobre essa beleza doce, aromatizante e natural. O pé de jatobá sombreava, contribuindo para que a água ficasse mais fria, os buritizeiros enfileirados protegiam a margem do córrego.

Do outro lado da planície, os pequizeiros embalavam seus galhos na dança do vento, que parecia uma coreografia saudando o cerrado e um pouco mais acima, cinco casinhas de barro cobertas por folhas de buritizeiro, despontavam. Nessas casas, moravam famílias que viviam com o que produziam nas pequenas hortas, nas feitura de doces e óleos de buriti e no artesanato feito com sementes, frutos secos e palhas de plantas do cerrado.

As famílias moradoras deste lugarejo, chamado de Ipê Amarelo, pareciam que viviam numa felicidade só! O céu era um telhado azul, o sol aquecia a terra durante o dia e a lua iluminava aquele pedaço de chão acolhedor. Aquele riacho que nascia debaixo das rochas era o bebedouro do gambá, da onça pintada, o lobo guará, do tatu, do veado mateiro, do caititu e dentre outros. Ao amanhecer, o canto da seriema parecia uma flauta soprada por grande flautista na busca de seu amor.

Lembro-me de dona Maricutinha, senhora de cabelos alongados, alegre, tão alegre que sua vestimenta era sempre com um colorido que chamava atenção e gostava de movimentar esse lugarejo, com rezas, estórias, brincadeiras e danças. Era conhecida como dona festa. Em sua casinha simples, mas bem aconchegante, suas janelas continham cortinas estampadas que voavam no colo do vento e no terreiro, as galinhas, os porcos e os patos faziam uma zoadá durante o dia.

Dona Maricutinha, por várias vezes no final de semana, saía da sua casa e ia nas casas das duas amigas, Sebastiana e Jardimina, para juntas fazerem brincadeiras com a meninada, que já esperava ansiosa por esse momento de alegria. Elas já iam de casa em casa fazendo um alvoroço para convidar as crianças. Na casa de Maricutinha, o terreiro já se encontrava todo varrido e com alguns bancos de madeira, esse espaço era considerado o palco das brincadeiras.

Após essa ida das amigas, chamava as crianças para a brincadeira, a notícia corria depressa e não demorava muito para que o terreiro de dona Maricutinha estivesse com muitas crianças.

Sebastiana gritou:

– Atenção, meninos e meninas! Fiquem atentos que vamos começar a brincadeira, e vou dar um prêmio viu? Só para quem vencer!

E a criançada, mais que depressa e com olhos esbugalhados, esperavam a primeira brincadeira do dia. Sebastiana, toda vestida de rosa, com o laço preto no cabelo e unhas pintadas de vermelho foi logo dizendo:

– A brincadeira é: Corre cutia! Vamos organizar a meninada sentada em círculo. Zezinho, você deve correr ao redor desse círculo com um galho de planta na mão, ao colocar uma música, até que a música termine você irá dizer:

*Corre cutia de noite e de dia
Debaixo da cama da sua tia
Corre cipó na casa da vó
Lá tem um cachorrinho chamado totó
Ele é bonitinho de um lado só.
É um, é dois, é três, acabou a sua vez.*

Ao terminar a música, o escolhido que está sentado, abaixa a cabeça e tapa os olhos com as mãos. Daí, Zezinho, você deixará o galho da planta na pessoa que você quer e toca levemente nas costas dela e segue correndo na direção em que você estava antes. Quem for tocado nas costas deve levantar-se e correr atrás de quem a tocou. O lugar vazio é o pique e ganha

quem chegar nele primeiro. Quem não conseguir alcançar o pique, paga uma prenda, ou seja, vai na sua casa, traz um presente, e fica sem participar das próximas rodadas. Eita! que Sebastiana fez uma festa e a meninada gritava cheia de energia.

Maricutinha gritou:

– Agora é a minha vez. A brincadeira é: Barra manteiga. Vamos dividir vocês em dois grupos de quatro pessoas, desenhem uma linha no chão, dividindo os campos. Cada grupo permanece no seu próprio campo, próximo da linha, estendendo as mãos para iniciar. Clarinha sai correndo do seu grupo, bate na mão de Josué, que é do outro grupo e volta correndo para seu grupo. Josué que levou o tapa de Clarinha, precisa correr atrás dela, se Josué tiver chegado ao seu próprio grupo e passado da linha, então Josué precisa bater na mão do seu outro colega. Quem levou o tapa deve entrar no campo do time do adversário durante a corrida e tem que ficar nesse time. Ganha o time que tiver mais pessoas no final.

A competição foi grande! Clarinha levou para seu grupo: Manoel, Pedro e Isabel. Daí ganhou na brincadeira.

Jardilina, muito sorridente, disse para a meninada:

– Chegou a hora da merenda! Ela foi logo servindo cuscuz temperado, suco de mangaba e café.

– Sejam rápidos, que tem mais uma brincadeira. Vou logo adiantando, a brincadeira é: Balança caixão. E foi dizendo:

– Genildo, você senta neste banco de jacarandá e será considerado como o rei e do outro lado, Verinha fica na condição de serva e coloca o rosto no colo do rei, Genildo. As demais pessoas: Roque, Pedro, Josué, Clarinha, Manoel, Isabel, João, Mariana e Júnior formam uma fila atrás da Verinha, que está servindo, apoiando-se nas costas umas das outras. Daí a fila balança para os lados enquanto as crianças cantam em coro:

Balança caixão,

Balança você,

Dá um tapa nas costas e vai se esconder

Nesse ponto, o último da fila dá um tapinha nas costas do colega da frente e se esconde. Isso deve ser feito até chegar ao Genildo e a Verinha, que devem procurar as outras crianças.

E as brincadeiras foram tão divertidas, cheias de gargalhadas, a ponto de marcarem outros momentos, quando já disseram que as próximas brincadeiras seriam: amarelinha, fruta, fora, cinco marias, chocolate inglês, pão na casa de João e outras. A meninada, mesmo cansada, com suor no rosto e o coração em disparada, já queria saber quando seria o próximo encontro e se podia chamar seus amigos e primos da cidade para participar das brincadeiras maravilhosas e criativas, cheias de competição e parceria entre seus amigos.

As três amigas, Maricutinha, Sebastiana e Jardimina, sorriam umas para as outras, após essas brincadeiras encantadoras com a meninada, que sonhavam em dias melhores. Respiraram profundamente, sentaram à sombra da barriguda recebendo as bênçãos da natureza e ficaram lá do alto fitando a exuberante beleza do cerrado. Não precisavam falar alguma coisa entre elas, os seus olhares brilhantes respondiam, através da alma, o quanto eram agradecidas por morarem neste lugarejo abençoado, com pessoas amigas, tão distante da cidade, mas tão perto das mãos do criador!

O Encantamento das Brincadeiras do Cerrado

Tina Laura

Certo dia, enquanto dormia, encontrei com a criança que mora em mim. Em fases lindas do inverno, levou-me para o maior império do mundo: o Cerrado, onde vivi toda infância. Não estava sozinha, tinha a Marlye, o João, a Rayssa, o tio Geraldo, a vovó e toda minha família.

Me vi seguindo o vento forte em direção às folhagens, percorrendo entre os murundus! Para quem não sabe o que é *murundu*, ele representa um monte de terra, que não é tão alto, por isso, consigo subir e descer rapidinho. Daqui de cima vejo, além do canto dos pássaros, uma colônia de cupins, o João-de-barro construindo sua casa e o papai sumindo entre as matas estreitas, com uma enxada nas costas e a mamãe varrendo o terreiro na frente de casa, com uma vassoura de folhagem.

Aqui na roça não tem relógio para nos despertar, acordamos no mesmo horário que o pai sai para a lida, basta um único grito e já pulamos da cama. Além dele, o canto do sabiá no pé da goiabeira, protegendo seu ninho com uma linda canção e, assim, sentimos que o dia amanheceu.

– Hummm! Cheirinho de terra molhada! Como é bacana o clima do cerrado!

Agora que você já sabe onde moro, vou te contar como as brincadeiras acontecem por aqui.

Fiz uma casinha de bonecas, catando as flores bonitas e bem compridas, nada mais que um graveto de pau com o formato de gancho para vestir essas flores. O corpo da flor é o rostinho das bonecas bem rosado, olhando assim, já estão murchando, mas não importo com isso. Brinco a semana toda sabendo que quando elas morrerem trocarei de flores. São quatro bonecas, lado a lado, representando as mulheres da

minha família. Você deve estar se perguntando: - Como assim? Um graveto de pau vestido por uma flor? Isso mesmo, são, assim, as minhas bonecas.

Na casinha, também há banquinhos, cama, fogão todos feitos de terra molhada e, para fazer as panelinhas, usei as tampas de leite amassadas. Ficaram lindas. Parecem de alumínio. Depois dessa rotina matinal de tanto brincar, esqueço do mundo, mas ouço o grito da mamãe: - Menina! Hora de almoço. Puxa! Como o tempo passa rápido! Saí correndo desse frondoso pé de umbu, onde fica minha casinha de boneca.

À noite, toda vizinhança se junta, diante de um terreiro grande. A lua cheia. Cães e gatos, até o papagaio descem do telhado e vem sentar-se conosco na porta. Enquanto os moradores mais velhos contam suas prosas num canto, chamo os meninos do pequeno povoado pra brincar. Como sou muito esperta, logo lembrei da brincadeira do Peixe Morto, que é assim: jogamos com uma vareta até chegar ao tesouro escondido, expliquei. Mas, onde está o peixe? Pergunta Raíssa.

- Ora! Vamos desenhar por cima da terra. E expliquei! Só pode desenhar com o chão molhado. Assim a vareta perpassa por todas as fases sem cair e resgata o tesouro. Ou pode ser que a vareta não segure em pé durante as jogadas. Aí, já perdeu. Tudo bem? Todos animados, respondem: - minha vez, é minha vez! - repete o João. Chiii! Jogamos porém, ninguém acertou o tal tesouro.

Vamos para outra brincadeira? Vamos jogar Giribita. A vovó trouxe Cinco pedrinhas pois essa é a brincadeira predileta, junto trouxe cinco copos com suco para nós. Sei que a Raissa fez cara feia não sei se pelo nome da brincadeira ou ao provar o suco.

- Eca! Não gostei!

O restante da turma, como já conhece o fruto da Mangaba, logo fez gute, gute, gute! Beberam tudo de uma vez.

- E aí? Deixaram a marca dos dedos sujos de terra nos meus alumínio? Retrucou a vovó franzindo a testa. Caímos na risada. E não jogamos a giribita. Ela se chateou.

A Marly cochicha em voz alta: - Amigos, antes que o papai ponha fim na nossa brincadeira, vamos de chicotinho queimado?

– Todos responderam: boraaaaa.

Sentamos em círculo, eu quis conduzir a brincadeira, percorrendo por trás dos meninos, devagarinho, depois rápido, depois mais rápido, observando se estavam mesmo de olhos fechados. Dou uma chicotadinha e aviso se abrir os olhos não está valendo! Nesse intervalo de tempo, adivinha o que aconteceu? Alguém se embrulhou em um lençol branco, sentou-se no meio da rodinha, que parecia um fantasma daqueles...AHUMMMM! Pronto! Foi gritos pra tudo que foi lado, quem abriu os olhos pensando que era brincadeira se assustou tanto, que correu para o mato, outros caíram ali mesmo. O João sumiu! Toda família veio correndo aos gritos da galera!

– O que está acontecendo aí? - Gritou a vovó.

– Um monstroooooooooo ! Gritaram as crianças.

Mas, era só o tio Geraldo que gostava de palhaçada, contar anedotas, casos de trancoso e de lobisomem.

Saí procurando a turma. Venham! Era tudo brincadeirinha do tio. Difícil foi juntar a galera novamente. A mamãe pôs fim na brincadeira. Todos vão tomar banho e dormir.

– Ah, *nãããã*o!

Ela já estava com uma bacia d'água prontinha, mais gelada que os pingos da chuva. – Todo mundo em fila! JÁ! Banho tomado e direto pra cama. – Afirmou.

Fingimos dormir mas, ela muito observadora, sentada na cabeceira disse:

– Se não fecharem os olhos, o velho do saco vem pegar no pé de vocês! Quem tinha coragem de abrir os olhos de tanto medo?

Só sei que quando abri, vi que estava sonhando com minha infância. Quanto fui feliz ali!

O cerrado era encantamento, cheio de mistérios, onde as brincadeiras aconteciam em um lugar sem nenhuma poluição, sem desmatamento, sem a extinção dos frutos e das espécies, e me possibilitou acordar para uma nova realidade.

O Jogo de Gude que mudou o apelido de Cabeça de Prego

Beatriz Peres

Cabeça de Prego estava agachado sob uma Umburana de cheiro, observando o sol e tentando calcular o horário. A hora da saída estava se aproximando, e ele, impaciente, riscava a terra vermelha e dura com o dedão do pé, formando semicírculos. De longe, o prédio da escola o fazia sentir uma mistura de ansiedade e nostalgia, como se estivesse perdendo algo importante. Desde a sua suspensão, além da coça do pai, dos desaforos do filho do cabrunco do diretor e do ranço eterno da professora, não sofreu grandes penalidades. Para ele, tudo aquilo foi um exagero. Fazer xixi nos pés da professora parecia algo inofensivo. Até hoje, ele não entendeu porque fez isso com a professora Gildete, mas as sensações estranhas que sentia ao olhar para Rosinha eram algo novo, algo que ainda não entendia. A proibição de ir ao banheiro durante a aula contribuiu para o incidente. Mas, como dizia a avó Bibiana: “o que está feito, está feito.”

Lembrar do ocorrido trouxe de volta aquela sensação esquisita no corpo, uma agonia entre as pernas. Sem saber o que fazer, tirou do bolso suas bolinhas de gude. Ao olhá-las, lembrou-se do tio Venâncio, que sempre lhe contava coisas, e que o jogo de gude era muito mais antigo do que ele imaginava, existindo antes de Cristo. Os egípcios jogavam com pedrinhas e pequenos ossos, bem diferentes das bolinhas de vidro de hoje. Cabeça de Prego gostava muito deste tio, que morava na capital e era um sabichão. Quando crescesse queria ser igual a ele, mas, como dizia a vó Bibiana: “para isso, você terá que estudar muito.” Estudar era uma coisa que Cabeça de Prego não gostava; preferia lidar com cavalos.

Enquanto olhava novamente para suas bolinhas de gude, um arrependimento crescente tomou conta dele. Recordou das bolinhas que havia tomado de Totonho. Totonho era um menino diferente, com os olhos

puxados como os dos chineses, mas não era chinês. A turma o aceitava bem, embora, às vezes, aprontassem alguma maldade com ele. Numa dessas maldades, Cabeça de Prego tomou todas as bolinhas de Totonho no último jogo, mas hoje, por precaução, deixou-as em casa. As bolinhas de Totonho eram todas azuis, e se Totonho as visse, ia ser aquele berreiro. O pai sempre dizia: "Não desperte inveja, senão o homem vem e toma."

Pensou, então, se alguém poderia "tomar" Rosinha dele. Mas o pensamento voou tão rápido quanto veio. "Rosinha que vá se catar", pensou. Ela era uma menina entojada com aqueles cabelos loiros. Dava raiva. Queria puxar suas tranças, desfazer os cachos, beijar sua boca vermelha e, ao mesmo tempo, dar um tapa em sua cara risonha. Com a inquietação nas pernas aumentando, decidiu aliviar-se urinando no pé da Umburana.

O sino tocou, e a algazarra das crianças saindo da escola fez seus olhos brilharem. Ele avistou Zé do Pitu, o mais alto e velho da turma, seguido por Têu e Xexêu, dois irmãos com quem já havia brigado várias vezes, apesar de serem filhos do delegado. O pai sempre dizia: "tem coisa que é melhor deixar de lado!" Mas Cabeça de Prego não se importava, brigava mesmo, e era bom de briga. Aqueles dois tinham a mania feia de passar correndo e baixar os calções dos meninos. "Eu sou menino macho!"

A alegria de ver os colegas fez Cabeça de Prego esquecer as memórias ruins. A criançada, animada, limpava o chão duro com as mãos e as havaianas para criar o espaço da triangulação do jogo de gude. No meio da confusão, Cabeça de Prego avistou Rosinha. Sentiu uma mistura de ternura e raiva. "Menina entojada!", pensou. "Vou acabar com isso." Com raiva, gritou: "menina não joga!"

– Rosinha, com uma expressão de desprezo, olhos semicerrados, destilando mel e veneno, respondeu: "eu nem queria!"

E saiu com o nariz empinado, acompanhada por suas amigas inseparáveis, a Quatro-Olho e a Pau-de-Vira-Tripa.

Cabeça de Prego, tomado por uma raiva repentina, não pensou. Arremessou a Havaiana que estava em sua mão. A sandália voou e atingiu o rosto de Rosinha no momento em que ela virou a cabeça para trás. O

impacto marcou um vermelho vivo no rosto de Rosinha. O arrependimento invadiu Cabeça de Prego como um raio, e ele correu até Rosinha. Ela chorava com o rosto vermelho, os olhos cheios de lágrimas. Desesperado, ele cuspiu na própria mão e tentava limpar o rosto dela, misturando saliva, lágrimas e terra. Também começou a chorar. A criançada ficou em silêncio, sem saber o que fazer. Mexer com Cabeça de Prego não era uma boa ideia. A Quatro-Olho e a Pau-de-Vira-Tripa batiam nas costas dele, mas ele nem dava bola, sentindo que merecia aquilo.

Na agonia de fazer Rosinha parar de chorar, começou a dar beijinhos em seu rosto sujo. Encheu o rosto dela de beijos e, com o que restava de coragem, beijou sua boca. Rosinha revidou com um tapa bem estalado. Para surpresa de Cabeça de Prego, ele sorriu, sentindo-se um gigante. Para ter certeza, beijou-a novamente e levou outro tapa. Agora, a criançada, antes silenciosa, começou a aplaudir e rir.

Rosinha, sentindo-se humilhada e ao mesmo tempo valorizada pela atenção, tascou um beijo em Cabeça de Prego com força. Ele, pego de surpresa, urinou-se todo. A criançada não perdoou e caiu na gargalhada, gritando: "Mijão, Mijão!" Sem pensar nas opções, Cabeça de Prego saiu correndo, levando consigo a vergonha e a sensação de vitória.

Registro de Saudade

Antônia Prado

Elas e eles moravam lá no sertão, mais pra lá do que pra cá, na localidade, Mata do Meio, entre os povoados Caroá e Imbiraçu, numa época em que ainda não havia luz elétrica. As casas eram “alumiadas” pelas candeias feitas de flandre ou de cera de abelha.

Elas e eles eram crianças e com certeza gostavam muito de brincar. Os brinquedos eram reciclados, quando nem se falava em reciclagem.

Nos momentos de “vadiar”, as crianças gostavam de fazer suas fazendinhas e enchiam os currais feitos de casca de cana ou de pedaços de vara que sobravam das cercas; colocavam porteira e tudo mais. As vacas eram feitas de manga verde...aquelas pecas que caíam do pé. As patas eram de talos de capim seco e forte, de modo que vaquinhas ficavam de pé. Os bois eram os jatobás... os maiores eram os touros. Os currais ficavam cheios de vacas e bois. O que importava para a criançada era admirar suas criações e ver quem tinha mais gado.

Outra brincadeira interessante para eles era a guerra de “sabugos” de milho seco. Funcionava assim: um segurava o “sabuco” escolhido e o outro jogador tentava quebrar com outro “sabuco”. Assim, iam invertendo os papéis, e quem quebrasse o “sabuco” do outro, era o vencedor da partida.

Já para as meninas, as brincadeiras prediletas eram as Cantigas de Roda. Geralmente, as rodas aconteciam em noite de lua cheia, nos terreiros grandes e bem varridos, que de tão limpos e iluminados pela luz da lua, seria possível achar uma agulha no chão, sem precisar de candeia.

De mãos dadas, as meninas formavam a roda e cantavam bem alto essa música, que certamente, ficou gravada em suas memórias:

*Oh que noite tão bonita!
Quem me dera eu ver hoje
O meu lindo namorado" (bis).*

As meninas maiores, já ficando mocinhas, jogavam versos que às vezes soavam como um jeito de pirraçar umas às outras:

*Joguei meu lencinho pra cima
Em cima virou sucena
Eu agora tô amando um rapaz de cor morena.
A que se sentia atingida retrucava:
Joguei meu lencinho pra cima
Em cima virou licor
Eu agora tô amando
Um rapaz da minha cor.
Continuavam a girar, cantando e recitando:
Sapatinho que já usei
No monturo já joguei
Não me importa que outra goze
Daquilo que já gozei."*

Uma pausa... Em sentido contrário, a roda continuava girando, com outros repertórios e coreografia:

*Quem quiser aprender dançar
Vai na casa de seu Juquinha
Faz doce Sinhá
Faz doce de cocadinha.
Mais cantigas e mais versos:
Fui no Tororó beber água não achei
Encontrei bela morena que em Tororó deixei."
Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Tenho sete namorados
Mas me caso só com um.*

Muitas outras brincadeiras divertiam de forma saudável as crianças daquela época.

Ademais, esses entretenimentos iam além do brincar, desenvolviam muitas habilidades, como: criatividade; autonomia; interação social e outros aprendizados. Contudo, um dos aspectos mais importantes, a meu ver, registra-se com o nome de saudade. Minha memória de infância ainda ouve:

– Vamos brincar de Roda?

Salve Latinha ou Chá de Goiaba?

Jair Grinaldo

Esta é parte da história de Cirilo, um garoto que tinha apenas sete anos de idade, quando saiu da fazenda de seus pais para morar com sua avó Alexandrina, na cidade de Cotegipe, Oeste da Bahia. Os pais queriam que ele tivesse a oportunidade de frequentar uma boa escola para aprender a ler, escrever, contar e assinar seu próprio nome quando fosse tirar a carteira de identidade.

Na fazenda onde vivia, ele era livre para brincar de correr atrás das borboletas que se juntavam ao redor das poças d'água, para fazer dos melões de São Caetano, seu gado, dentro dos currais feitos com varetas de capim seco, para arrancar varas nas matas, colocar-lhes fibras de caroá em umas das extremidades e sair em disparada, imaginado ser todo este arranjo, um veloz cavalo. Cavalo de pau, óbvio, mas, para ele o melhor dos alazões. Vida boa a de Cirilo, no campo.

Na cidade, ele teve muitos estranhamentos. Um deles, foi de ter tantas regras, inclusive para sair de casa. Lá ele não tinha as borboletas, os cavalos de pau, etc. e por este conjunto de situações, ele ficou muito entristecido.

Ao chegar na escola e encontrar com outras crianças de sua idade, Cirilo viu a oportunidade de encontrar formas de brincar, no entanto, estava preocupado com as regras impostas por sua avó. Ele sabia que não poderia sair de casa à noite. De todo modo, iria dar um jeito de desobedecer! Menino corajoso! Combinou com os colegas para brincar no meio da rua, na pracinha que ficara um pouco adiante da casa de sua avó.

Chegada a hora combinada com seus colegas, Cirilo estava sentindo dificuldades para sair de casa. Sua avó estava muito atenta, especialmente por perceber que ele estava irrequieto com as algazarras das demais crianças que brincavam na pracinha. Ela fitou o olhar no garoto e disse-lhe:

– Não quero você brincando com aquelas crianças! Lá tem muito menino mal-educado, respondão, desobediente e que não gosta de estudar. Compreendeu?!"

– Certo, vovó, respondeu o garoto, com os dedos cruzados.

Ao proferir estas palavras, a criança pediu licença, como quem fosse dormir e se recolheu da calçada onde estava sentado. Imediatamente, seguiu rumo ao quarto, local onde ficou por alguns instantes.

Ao perceber que sua avó tinha ido se deitar, não pensou duas vezes: levantou-se e começou a andar vagarosamente rumo ao quintal, pisando apenas com a ponta dos dedos dos pés, para não fazer barulho. Em seguida, pulou o muro e foi direto para a praça brincar com os colegas. A diversão da vez era chamada de “salve latinha”.

Os colegas, imediatamente instruíram Cirilo sobre todas as regras da brincadeira: primeiro é preciso decidir no par ou ímpar, quem será o guardião da lata. Um de nós arremessa a latinha, e o guardião deverá ficar de olhos fechados e contar pausadamente até trinta. Neste intervalo de tempo, os demais partícipes da brincadeira deverão procurar um lugar para se esconder.

Após a contagem, o guardião deverá buscar a lata, colocar no ponto onde ela se encontrava originalmente e em seguida, sair em busca dos colegas. Se avistar alguém em um dos esconderijos, o guardião deve correr, pegar a lata, bater no chão e dizer: – “Um, dois, três, salve latinha! Fulano de tal está escondido atrás da árvore”, por exemplo. Neste momento, a pessoa citada deve sair do esconderijo e aguardar.

Os demais participantes ainda podem, sem que o guardião perceba, sair em disparada até a lata, apanhá-la, bater por três vezes ao chão e gritar: – “Um, dois, três, salve todos!”. Se isso acontecer, o guardião, na próxima rodada da brincadeira, continuará exercendo a mesma função. Ele só terá direito de se esconder, deixando seu posto, se encontrar o esconderijo de todos os participantes. O primeiro a ser encontrado deverá assumir o lugar do guardião da lata. Compreendido?!

O garoto afirmou que sim!

Uma vez inteirado das regras, Cirilo começou a participar da brincadeira, que por sinal, achou bastante agradável. Ele, decididamente, perdera a noção do tempo.

Enquanto isso, sua avó já despertara do primeiro sono. Ao ouvir de longe a algazarra das crianças na direção da praça, resolveu se assegurar de que o neto estivesse realmente dormindo. Para sua surpresa, a cama estava totalmente vazia!

Então, Alexandrina se muniu de uns galhos verdes da goiabeira, que tinha no quintal, retirou-lhes parcialmente as folhas, e furiosa, foi em busca de Cirilo.

Ao chegar na praça ouviu o garoto gritar em alto e bom tom: “-Um, dois três, salve latinha!”

De onde estava, ela gritou: “- E quem salvará suas perninhas?”. Ali, ela exibiu para todos, o chicote de galhos esverdeados, prontos para entrar em ação, e perguntou ao neto: “- Salve latinha ou chá de goiaba?”

O garoto, ao avistar a avó, saiu em disparada rumo à sua casa. Pulou o muro com tanta naturalidade e, movido pelo medo de levar uma sova, entrou no quarto, trancou a porta e fingiu que nada estava acontecendo.

Ao chegar em casa, sua avó ordenou que abrisse a porta do quarto, e... nada! Deu sucessivos comandos para que ele cumprisse sua ordem e abrisse a porta. Todos em vão. Ameaçou mandá-lo de volta para a fazenda dos pais e, ainda assim, o garoto não obedeceu. Ela parou com a insistência e foi dormir.

No dia seguinte, o garoto encontrou a avó muito mais calma. A ira inicial já havia cessado e eles tiveram uma longa conversa sobre o ocorrido. Ele se desculpou e prometeu que jamais voltaria a desobedecê-la. Assim o fez. Esse foi seu castigo por não cumprir com as regras impostas.

Daquele dia em diante, os transeuntes que passavam em frente à casa onde Cirilo morava, ficavam com dó do menino. Ele parecia implorar, através do olhar piedoso direcionado a cada um deles: “- Me levem para brincar na pracinha! Brincar de salve latinha!”.

E, assim, Cirilo cresceu ... mas, até hoje, ele conta para todos o quanto se divertiu naquela noite, brincando com seus colegas, na pracinha da cidade. Salve Cirilo! Salve todos que na sua infância puderam brincar e gritar como ele: – “Um, dois, três, salve latinha! Um dois, três, SALVE LATINHA!”.

Tonho da Lua e o Jatobá

Ariadne Godinho

Essa história se passa no interior, um interior como a maioria do Brasil. O ano era 1993, mudávamos da Capital para o interior. Eu ia muito chateada, pois, deixara para trás tudo que uma menina de sete anos poderia deixar. Ainda não sei como meu pai fez caber dentro de um fusca: três adultos, duas crianças e um bebê, mais um cachorro e um punhado de malas. Espero que ele não tenha infringido nenhuma lei de trânsito da época.

Quando chegamos, minha chateação logo passou como mágica, pois fiquei encantada com a casa. Minha mãe não gostou muito, meu pai tinha vindo antes escolher a nossa moradia para depois nos buscar. Minha mãe foi pega de surpresa. A casa era encantadora, o lote era mais alto que a rua, então havia dois degraus na chegada e uma pequena varanda.

O chão da casa era vermelho de cimento batido que minha mãe encerava com uma enceradeira gigante e ainda colocava bombril e cera líquida para dar brilho. E quando chegávamos da escola, tinha que tirar logo o uniforme, senão manchava, e todos os dias, na escola, tinha uma inspeção de uniforme, que era composto por short-saia cinza, uma blusa cinza com amarelo, meia amarela e tênis preto.

A casa tinha dois quartos, uma sala, uma cozinha e um quintal. Nossa! Quanto eu amava aquele quintal. Tinha dois ou três pés de manga, caju, pitanga, goiaba, araçá e murici. Quando íamos nos deitar, conseguíamos ver as estrelas de dentro do quarto sem olhar a janela. Minha mãe logo disse: - tomara que a chuva demore por aqui! Mas na minha inocência era lindo ver as estrelas, mas em época de chuva não era legal não.

Passamos bons momentos nessa casa, me recordo de algum momento festivo nela, não sei bem qual comemoração se tratava, mas tinha primas, meus avós, muita gente. E eu a menina da capital, fui subir numa das mangueiras do quintal para arrancar uma manga madura e linda que “olhava

pra mim”. Não deu outra, cai. Foi aquele furdunço, minha mãe me pegou no colo, meu pai logo veio com café em pó e açúcar para estancar o sangue, e ligaram o ventilador no meu rosto, pois eu não podia dormir. Hoje, eu sei subir em árvores!

Eu e meu irmão íamos a pé para escola, que ficava próxima a igreja matriz e na frente tinha um coreto, onde íamos brincar. Certa feita, a caminho da escola, encontramos dois irmãos, de bem pouca diferença de idade entre eles, uns cinco anos a mais que eu. Um deles não falava e estava o tempo todo contando os próprios dedos, era conhecido como Tonho da Lua. Quando o vi, não me assustei, mas alguns amigos falaram:

– Sabe porque ele conta os dedos? Ele está escolhendo qual de nós vai pegar? Nossa! Isso me assustou demais. Lembrei-me das histórias do homem do saco e várias outras que eu ouvia. Saí de perto, mas Tonho estava sempre no seu canto, muito sozinho.

Ele sempre tinha uma sacola e ficava sentado no cantinho do Coreto, enquanto nós corríamos e brincávamos de pega latinha, ou queimado. Meu irmão, percebendo a minha curiosidade, já que era claro que eu queria saber o que Tonho estava fazendo, olhou-me e disse:

– Vai lá, eu estou aqui e tenho certeza de que ele não faz mal a ninguém.

– Eu fui, e me surpreendi.

Tonho tinha uma sacola com jatobás, e estava fazendo uns brinquedos. Ele usava bucha vegetal para fazer o cabelo, pedacinhos de galhos para fazer enxada, tecido de algodão cru para fazer a roupa. Eu me sentava lá, ficava calada para não atrapalhar, e nunca ouvira a sua voz, mas ele olhava de relance e sorria às vezes, apontando pra algum objeto, permitindo que eu me aproximasse e o ajudasse.

Meu irmão gritou: - corre ou você vai perder sua vez na jogada de buraco.

Desci correndo o Coreto, mas, já embaixo, voltei e disse:

– Tonho, amanhã eu venho ver como ficou viu?

Ele não respondeu. Eu ainda não sabia as regras do buraco, o irmão de Tonho logo disse: - aqui na terra, eu cavei três buracos, um atrás do

outro, com uma distância mais ou menos de dois metros. O participante que conseguir lançar a bolinha de gude no primeiro buraco passa para o seguinte. Se ele errar, passa a vez para o outro jogador. Ganha aquele que conseguir colocar a bila nos três buracos em menos tempo. Meu irmão me emprestou as bilas, e nós começamos o jogo.

Brincávamos muito de bila ou bolinhas de gude, como preferir chamar. Tinha uma vendinha que trocava garrafas de tudo que é bebida por bila. Juntávamos o máximo que conseguíamos. Todos nós tínhamos uma bila preferida ou cobiçada. Eu era apaixonada pelas “olhos de gato”, eram aquelas menorzinhas, já que facilitava meu manuseio, visto que eu também era bem pequena.

Gostávamos de brincar de serpentina também, era a oportunidade de ganhar as bilas dos outros, pois nesse jogo o objetivo é acertar as bolinhas e leva-las para fora da linha. O jogador ganha não só a bolinha atingida, mas todas aquelas que estiverem à direita.

Passados alguns meses minha mãe anunciou: mudaremos... Eu não a deixei concluir a frase e fui logo reclamando: - poxa mãe, logo agora que tenho amigos! -Não quero ir não! Ela respondeu: -calma menina, mudaremos só de casa, será mais próxima da escola. Ufa! Fiquei aliviada. Mas queria me despedir do quintal, eu ainda não havia concluído a casa na árvore que eu e minha prima estávamos construindo.

Sendo assim, no domingo bem cedo, eu e Lorena, minha prima, corremos para o quintal, faltava pouca coisa na nossa casa. De repente, percebi minha havaiana prendendo no chão, precisei de um pouco de força para retirá-la. Percebi que não era só na sandália, algo havia furado meu pé, mas como não havia sangue, continuamos a brincadeira. Ainda tínhamos algumas castanhas de caju e de pequi pra torrar. E aqui vai uma dica: nunca tentem quebrar uma castanha de pequi sozinhos. Ao acertamos com um martelinho, os espinhos do pequi voaram por toda parte. Minha mãe e minha tia passaram horas tirando espinho com óleo e pinça. Acho que ainda hoje deve ter espinho de pequi no meu corpo.

Ao final da noite, meu pé que eu não tinha sentido nada, começou a inchar e doer. Precisei ir para a emergência tomar uma vacina muito doída.

Bom que não precisei de muitos dias de repouso, logo mudamos de casa, e como minha mãe havia dito, era mesmo mais próxima da escola e do coreto.

A mudança muito me agradou, conseguia ver o Tonho todos os dias. Certa vez, estávamos brincando na rua, em frente ao coreto, enquanto alguns idosos jogavam dama. Começou a chover, uma chuva fina. Todos corremos para debaixo do coreto, enquanto subíamos, Tonho descia, ele foi direto para chuva e começou a girar em torno de si, parecia um pião ou até mesmo um bailarino. Eu desci logo atrás, e todos desceram em seguida, brincamos na chuva. E pela primeira vez, Tonho brincou conosco. Jogamos queimada debaixo da chuva, era muita queda, muita risada, e Tonho acabou vencendo, pois ele conseguiu escapar de todas as bolas, embora não tenha conseguido acertar ninguém também. Rimos muito nesse dia.

Ainda me mudei algumas vezes e acabei perdendo o contato com Tonho. Hoje, compreendo que de “da lua” ele não tinha nada, era esperto, meigo, inteligente, habilidoso. Um verdadeiro artista.

Poeta, trovador, escritor do mais fino trato. Esse posfácio é a derradeira brincadeira com as palavras de Antônio Galdino, elaborado junto ao coletivo de autores da ABL. Feito criança sabida, o autor permanece a cirandar entre nós, com uma presença-ausência cheia de manha, igual os fios de um telefone inverossímil passados de mão em mão, entre a garotada. Com simplicidade e encanto, encontramos-nos, mais uma vez na caminhada literária, para além da curva da estrada. E se essa estrada, se essa estrada, fosse minha, eu mandava ladrilhar. Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes, para um imortal passar...

Por Adilma Vilela

AMARELINHA: Um Olhar Pedagógico! (Posfácio)

Por Antônio Galdino

Por que incentivar o contato com as brincadeiras antigas? Quem não se lembra de brincar de esconde-esconde? De pega-pega ou, então, de amarelinha?

Essas brincadeiras, apesar de antigas, não saem de moda! Passam de geração em geração, divertindo pequenos de todas as idades. E, no cerrado, não é diferente, as crianças se divertem com essas brincadeiras, e uma delas que muito lhes agrada é a brincadeira chamada Amarelinha. Essa brincadeira proporciona, além do divertimento em si, muitos outros benefícios para o desenvolvimento da gurizada. Vejam alguns: desenvolvimento corporal; estímulo à criatividade; incentivo à interação social.

A Amarelinha, também conhecida como jogo da pedrinha, maré e sapata, por exemplo, é uma brincadeira de antigamente, muito conhecida em todo o país! O jogo é simples: basta desenhar com giz o diagrama, composto de 10 quadrados no chão, e numerá-los. Ao final, desenha-se também um arco, que representa o céu. Em seguida, a criança deve jogar uma pedrinha no desenho e pular em cada um dos quadrados, evitando aquele onde a pedra está. Além disso, o jogador pode pular com um ou dois pés. Porém, quem pisar em alguma linha, perde o jogo! Essa atividade simples, divertida e lúdica incentiva os pequenos e pequenas a trabalharem com os números. Também, exercita habilidades como contar e ter equilíbrio. Dessa maneira, a Amarelinha desenvolve o raciocínio lógico e a capacidade motora das crianças.

A AMARELINHA E SUA RELEVÂNCIA PEDAGÓGICA.

A brincadeira da Amarelinha pode ter uma relevância pedagógica para as crianças, pois pode ajudar a desenvolver diversas habilidades, como a noção de espaço, lateralidade e localização espacial; desenvolver a coordenação motora e a concentração; convívio com as regras; pensamento matemático. Ainda, pode desenvolver conceitos e habilidades do pensamento matemático, como contagem, sequências numéricas, reconhecimento de algarismos, comparação de quantidades, avaliação e distância, avaliação de força, percepção espacial e discriminação visual. De igual maneira, a criança pode desenvolver características empreendedoras, como iniciativa, eficiência, estabelecimento de metas, planejamento e autoconfiança. A criança pode desenvolver a criatividade, inovando e criando diversas formas de realizar a atividade.

As brincadeiras também podem ajudar as crianças a desenvolverem outras capacidades importantes, como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. Além disso, ajudam amadurecerem algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. Desenvolve o espírito competitivo, pois o desejo de vencer é sempre uma meta a ser atingida. E, para isso, as habilidades terão que ser aprimoradas. Atributos esses que as crianças dos Cerrados adquirem ao longo do tempo, com o uso dessa brincadeira.

COMO FAZER E EXECUTAR A AMARELINHA.

Faz-se a Amarelinha com as crianças do cerrado da seguinte maneira: no lugar do número 10 pode colocar a palavra CÉU. O primeiro jogador, joga a pedra na primeira casa (1) e com um pé só pula no 2, depois no 3 e 4 ao mesmo tempo, depois no 5 com um pé só, e depois no céu (6 e 7) com os dois pés ao mesmo tempo. Vira e volta, quando chegar no 2 pega a pedra no 1 e pula fora. Depois joga no 2. Pula no nº 1 com um pé só, salta o 2 e assim por diante. Não pode pisar na linha senão é a vez do outro.

Autores

Adilma Vilela

Alagoana, professora concursada da rede pública municipal de Barreiras – Bahia, mestre em ensino pelo PPGE/UFOB. Tem graduação em Pedagogia - (UNEB-1992), Pós Graduação em Supervisão Educacional e psicologia Educacional, além de graduação em Direito (UNIDOM- 2016). Tem ampla experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão de Unidades Escolares e Coordenação Pedagógica. É escritora, membro da Academia Barreirense de Letras, onde ocupa a cadeira de nº 6. Publicou o livro "Crônicas de Mima"(Mondrongo, 2021), "Novas Crônicas de Mima" (Mondrongo, 2023) e "O Ton do coração" (2024). Além destes participa de publicações de coletâneas literárias, a convite da ABL e de autores locais e regionais.

Alberto Silveira Passos Wanderley Mariani

Natural de Cotegipe-BA, é Bacharel em Direito pela Faculdade São Francisco de Barreiras - FASB, membro da Academia Barreirense de Letras, Cadeira n. 26. Escritor romancista, também escreve cordel, crônicas e sonetos. Tem vários livros publicados, dentre eles: A Cicatriz do Silêncio; O Conflito Interior; A Rosa da Roça; O Corrupto Confesso. Esse último, lançado na Festa Literária Internacional de Barreiras – FLIB, 2024.

Ana Cinthia Passos Moreira Bastos

Graduada em Biologia e Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, atuando na Clínica CASM. Especialista em AEE, Psicologia e Educação, Gestão de Pessoas e Coordenação Pedagógica. Atualmente Coordenadora de Salas de Intervenções Psicopedagógicas do CEFAEE- Barreiras. Há 25 anos transformando e contribuindo com a formação de aprendizes no Município de Barreiras.

Ananda Lima

Professora e coordenadora pedagógica da Educação Básica em Barreiras e Riachão das Neves - BA. Atualmente cursa o mestrando em Ensino pela UFOB, graduada em Pedagogia pela UNEB. Membro da Academia Barreirense de Letras - ABL, desde 2016. Tem dois livros de literatura infantil publicados: “Fred, uma aventura na floresta” e “Julia e Letícia, vivendo com as diferenças”. É autora do livro de mensagens ‘Bálsamos para a existência’ e do livro de memórias, ‘Partindo para alto mar: um câncer e uma pandemia na rota’. Foi uma das organizadoras de duas obras coletivas: “Fraternidade em Movimento – 365 dias” e “Contos dos Cerrados”.

Antônia Prado

Licenciada em Letras Vernáculas com Literatura e Especialista em Técnicas de Leitura e Produção textual, pela Universidade do Estado da Bahia, Campus IX – Barreiras – Bahia. Professora emérita da Secretaria Estadual de Educação da Bahia. Participa das coletâneas: Parem as Máquinas; Um Ecoar de Almas; Bardos Baianos; 50 Tons de Rosa; A Poesia liberta; Contos dos Cerrados; Mistérios dos Cerrados; Brincadeiras dos Cerrados. Autora do livro: À Tona: Páginas de Areia”. Participa de projetos escolares-palestras, rodas de conversa, oficina de poesias, e outros. Faz revisão de livros e de artigos científicos de um modo geral. Confreira da Academia Barreirense de Letras, cadeira no. 28

Antônio Galdino Alves de Souza (*in memorian*).

Natural de Massapê - Ceará, licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia; especialista em Orientação Educacional pela UNIVERO. Atuou como professor no Ensino Médio. Foi escritor, poeta, autor de peças de teatro, também, artista plástico. Publicou 30 obras literárias. Foi membro da Academia Barreirense de Letras, Cadeira n. 16.

Ariadne Godinho

Médica Hematologista Pediátrica. Natural de Goiânia - Goiás, Tocantinense de formação e Barreirense de coração. Docente do curso de medicina da

UNINASSAU em Barreiras - BA. Coordenadora médica do Programa de Doença Falciforme - BA. Mãe interessada na saúde e na educação de crianças e, por isso, autora de livros infantis como "O bloco de notas que virou livro", "O Cebolôquio", "O Caracol Colorido", "Férias cor-de-rosa", "Jujubinha Radical".

Beatriz Lima Peres

Pedagoga formada pela UNEB Campus IX com Ênfase em Coordenação e Elaboração de Projetos Pedagógicos. Pós-Graduada em Gestão Escolar e em Ensino Superior. Já atuou na rede pública municipal como Professora, Coordenadora, Vice-Diretora e Diretora na modalidade de Creche, Pré - Escola, Fundamental I, Fundamental II. Ministrou na Faculdade Unhyhana a disciplina de Metodologia do Ensino. Atendeu ao SEBRAE nos cursos de Atendimento e Vendas e atuou como Coordenadora da Rede Microlins. Mãe de Bibiana e avó de Beatriz, tem uma cachorra que se chama Belkiz.

Berenice Lima Peres (Bere Brazil)

Mestranda em História Ambiental pela UFOB. Coordenou recentemente o Projeto "Vozes", o qual vem criando uma política de Educação Ambiental para a Bacia do rio Grande, causa em que a autora vem se empreendendo desde que chegou a Barreiras pelos idos de 1986. Fez televisão, rádio, jornal, teatro, cinema, música, dança e poesia vezes com a caneta na mão vezes com o corpo e a voz. Adora menino.

Brígida Neta de Freitas

Licenciada em Pedagogia, Terapeuta Integrativa, com especialização em Avaliação, Gestão Escolar e Informática Educativa. Atua como terapeuta, tendo como eixos estruturantes a Literatura Infanto Juvenil, as mandalas terapêuticas e artísticas, a escrita expressiva criativa, autêntica e poética.

Celso Almeida de Lacerda

Mestre em Ciências da Educação, especialista em Administração de Recursos Humanos, bacharel em Ciências Contábeis, professor da

Universidade do Estado da Bahia – Uneb – Campus IX, foi coordenador do Colegiado de Ciências Contábeis e docente da Faculdade Arnaldo Horácio Ferreira – Luís Eduardo Magalhães. É escritor, poeta e membro da Academia Barreirense de Letras, Cadeira n. 19, autor da obra: Educação, obrigado pelo meu falar.

Dalviene Pereira de Souza

Licenciada em Letras vernáculas e pós-graduada em Estudos linguísticos: leitura e produções de texto pela Universidade Estadual da Bahia. Professora de Língua Portuguesa e Arte no Ensino Fundamental II da rede municipal de Ensino de Baianópolis. Nascida no dia 18 de agosto de 1969, filha de Pedro Salustriano de Souza primo e Geneliza Pereira de Souza, ambos lavradores. Mãe de dois filhos, Ana Paula e João Victor. Sua escolarização começou aos sete anos de idade, numa escolinha da zona rural, que funcionava na casa da professora, apesar de trabalhar na zona urbana, tendo uma vida ligada ao campo. Gosta de escrever crônicas, memórias literárias e poemas. Encontra na escrita uma maneira de se comunicar com o mundo, de estar e de se sentir nele.

Daniella Taveira dos Prazeres

É poeta, contista, professora da Educação Básica, natural de Barreiras, Bahia. Apaixonada pela família e pela arte da palavra. Licenciada em Pedagogia e Letras, com especialização em Literatura Contemporânea. Tem publicações em livros: “Memória de vida: poesia e prosa” (Paco Editorial, 2021). “Fraternidade em movimento: 365 dias” (ABL, 2022). “Poiesis: antologia [99] Brincadeiras dos Cerrados poética” vol. 4” e “Mulher e Poesia” (Cogito Editora, 2023 e 2024). “A margem do rio que sonhei” foi o conto selecionado no Concurso literário Osório Alves de Castro (UFOB, 2023). Começou a escrever na adolescência como forma de refletir sobre a sociedade e para superar as inquietações da vida.

Éllen Sodré Zanin

Licenciada em Pedagogia com habilitação em Administração e Coordenação de Projetos, pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb); especialista em Educação Ambiental. Atua nas seguintes atividades profissionais: professora, coordenadora pedagógica, radialista e redatora. Tem algumas produções literárias.

Emília Karla de Araújo Amaral

Licenciada em Pedagogia (Uneb); mestre em Educação (Univ. Católica de Brasília); doutora em Educação e Contemporaneidade (Uneb), professora assistente da mesma instituição. Encantou-se com as narrativas, com a história oral e com as autobiografias, ao cursar o doutorado. Com isso, tem publicado vários capítulos de livros, na literatura científica. Recentemente, vem se aventurando no campo da escrita literária

Evanilda Miranda da Silva

Natural de Crateús no estado do Ceará, tem formação nas áreas de Pedagogia e Teologia. Especialista em Neurociências e psicopedagogia. Mãe de quatro filhos. Autora de vários textos, contos e poemas. Atua como coordenadora pedagógica da Escola Municipal Antônia Matos de Oliveira, na cidade de Barreiras estado da Bahia.

Eva da Silva Pais

Licenciada em Letras e Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb), especialista em Educação Profissional Integrada à modalidade Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal da Bahia (Ifba), especialista em Psicopedagogia (Unyahna) e em Gestão Educacional pela Faculdade São Salvador. Atua como docente do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Barreiras há mais de 25 anos.

Franco Porto dos Santos

Bacharel e licenciado em Biologia, com especializações em PROEJA e em Gestão Sustentável de Recursos Naturais. Cursou Mestrado em Ciências

do Ambiente e Doutorado em Ecologia. Atua como consultor ambiental e gestor de projetos de sustentabilidade. Passou a criar poemas, músicas e contos infantis como forma de suavizar a vida. É membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Inácio Cordeiro

Natural de São Desidério – BA, morou por sete anos, década de 80, na capital goiana, onde aprimorou a arte da “Pintura Publicitária”, tornando-se empresário no ramo de Comunicação Visual em Barreiras - BA. É artista visual, também, escritor, poeta, autor dos livros “Textos & Telas” e “O Preto e Branco e a Poesia Colorida”, ambos ilustrados com obras de sua autoria, compreendendo desenhos, pinturas e esculturas. Ocupa a cadeira número sete da Academia Barreirense de Letras.

Jair Grinaldo

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB). Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua como Coordenador pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Cotegipe, Bahia e como professor da Educação Básica. Com uma infância rica em aventuras, revive cada uma delas e viaja em pensamentos ao tempo em que as escreve.

José Paes Landim

É imortal da ASL, Academia de Letras Santarritense. Vive em Salvador, morrendo de saudade de Formosa do Rio Preto (BA). É autor de três livros: Resgate de um Débito (2013), Fragmentos do Tempo na Voz do Rio Preto(2015) e Um Olhar pela Janela (2022). Dentre outras atividades, de cunho social, filantrópico e cultural, passou a escrever, inicialmente em 2004, como cronista colaborador do Jornal A Tarde até os dias de hoje. Habitualmente, manifesta sua alegria ao atingir uma longevidade saudável e produtiva.

Marilde Queiroz Guedes

Pós-doutora em Educação/Universidade de Lisboa/PT. Doutora em Educação: Currículo pela PUC São Paulo/Brasil. Professora da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia Ufob. Pesquisa: Currículo, Formação de Professores e Políticas Educacionais. ORCID: 0000.0002-9722-7505. Atual Presidente da Academia Barreirense de Letras.

Marleide de Araujo

Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Letras vernáculas pela Universidade Estadual da Bahia - UNEB e pós-graduada em Docência em História e Geografia – Ênfase em Educação Ambiental pelo Instituto de Educação Superior UNYAHNA de Barreiras. É professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II da rede municipal de Ensino de Baianópolis. Apaixonada por contos, textos poéticos e memórias literárias. Encontrou na escrita, principalmente de contos, uma forma de se libertar e viajar no mundo da imaginação e conquistar novos ventos.

Miriam Hermes

Jornalista e escritora, nasceu em Sobradinho (RS), cresceu em Medianeira (PR) e mora desde 1984 em Barreiras, Bahia. Com passagem por diversos veículos de comunicação da cidade, desde 1997 é repórter do jornal A Tarde. Em 2009 lançou com Eduardo Lena o livro-reportagem biográfico [102] Brincadeiras dos Cerrados “O Homem Geraldo Rocha”. No mesmo ano, se tornou membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Thaiane Araújo Leite

Formada em Administração pela Universidade Federal da Bahia – Campus Reitor Edgar Santos. Especialista em MBA em Gerenciamento de Projetos pela Faculdade Pitágoras. É servidora pública; Consultora Financeira Pessoal e escritora de poesia e crônica. Autora das obras: Da Vida ao Texto/2020; Quando o Meu Eu Não Me Basta/2024.

Théo de Araújo Santos

Pai, cientista, escritor, cantautor e professor universitário. No campo literário escreve em diferentes estilos, sendo os principais a literatura infantil e a poesia. Como destaques de sua produção, temos o conto “O Casamento do Nego D’Água com a Noiva da Mata”, premiado no 2º Concurso literário Osório Alves de Castro (UFOB), e a interpretação da música “Ponta Grossa”, finalista do 20º festival de música da Rádio Educadora FM Bahia. Em 2022, o escritor se tornou membro da Academia Barreirense de Letras (ABL), ocupando a cadeira de número 02.

Tina Laura

É escritora baiana, nascida na cidade de Santa Rita de Cassia. Filha do lavrador Vicente e da costureira Laura, que são considerados pilares de sua formação humana, literária e profissional. Professora concursada, possui pós - graduação em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica. É membro da ABL (Academia Barreirense de Letras), fundadora da ASL (Academia Santa-ritense de Letras) e fundadora da Academia Estudantil Euridiana de Letras. Começou a escrever poesias aos 15 anos, fazendo registros de suas memórias. Publicou três obras e seus hobbies prediletos são ler, escrever e palestrar para crianças. Com estilo literário eclético, transita entre diferentes gêneros textuais: contos, crônicas, poesias.

Valdélia Bomfim Ramaccotte

Casada, mãe de dois filhos, educadora, professora, pedagoga, psicopedagoga, especialista em planejamento e gestão educacional e escritora. Participou de concursos literários de poesias e poemas tendo publicado seus textos literários nos livros Poetize 2021; Antologia Poética dos Bardos Baianos: Bacia do Rio Grande; Contos dos Cerrados; e Poiesis Vol.04. Participou da Bienal do livro em Salvador – Bahia no ano de 2022 com o lançamento do livro Rima Cor, Rima Flor no auditório da APLB - Sindicato e na FLIB/ Barreiras, Bahia. Atualmente é funcionária pública e atua como Orientadora Educacional na cidade de Formosa do Rio Preto, Bahia.

Outras Obras ABL Selo Editorial



O livro *Fraternidade em Movimento – 365 dias*, é a concretização do projeto literário que se propôs a escrever uma mensagem para cada dia do ano. O livro reúne mensagens de 20 escritoras, entre estreantes e literatas experientes. O PDF do livro está disponível por meio do QRcode.



Trinta e um contos escritos pela ótica de diferentes experiências vividas e matizes socioculturais. Aqui você navegará pela literatura local e regional, ilustrada por histórias que transitam entre o cômico e o reflexivo. O livro pode ser adquirido para compra em seu formato físico ou digital por meio do QRcode:





Mistérios dos Cerrados descritos por seus habitantes. Testemunhas da terra, ouvintes dos sons e esculturas vivas dos enredos. Neste livro, navegamos pelas lendas e traços de cultura locais versando sobre as histórias que permeiam a mística dos dias e noites dos tempos idos e atuais dos Cerrados. Mistérios que vão desde a forma de se reinventar do verde, vida que resiste as mudanças do clima e impostas pelas estações ou ainda pela criatura Humana. Pelos cursos das águas, brotam também as tradições e lembranças muitas vezes aqui narradas. Os leitores encontrarão a oportunidade de conhecer e sentir o que apenas os Cerrados são capazes de proporcionar: encantamento.

QRcode.



Este livro foi composto pelas fontes
Congenial SemiBold no título da capa
e Gill SansMT no miolo do livro.
Capa em papel cartão 250g/m², laminação Brilho
Papel Pólen 80g/m²
Dimensão 150x210 mm
Impressão realizada pela
Fábrica do Livro em 2025